

4.

O verbo ‘ser’ no discurso

4.1

Introdução à análise do *corpus*

A análise desenvolvida aqui está embasada pela LSF nos moldes em que Halliday & Matthiessen (1999) definem como semântica ideacional. A semântica ideacional é a que está relacionada com a construção da experiência como um recurso e um potencial de significados para a compreensão, representação e atuação na realidade. A construção da experiência é considerada significado que é construído na linguagem, sendo esta interpretada como ‘um sistema semiótico’ (Halliday & Matthiessen, 1999, p.2).

É nesse sentido que a construção da experiência é entendida como a construção da realidade, o que vem ao encontro da minha escolha pela Metafunção Ideacional como norteadora da análise. A Metafunção Ideacional toma a linguagem como uma teoria da realidade, como um recurso para refletir sobre o mundo (Halliday & Matthiessen, 1999, p.7), construindo a experiência da realidade, material e simbólica, no discurso.

Com relação à construção da realidade no discurso, Martin & Rose (2001, p.66) destacam que a ideação “foca no ‘conteúdo’ de um discurso” e que o autor de um texto “representa um pedaço de sua própria experiência, ou a experiência mais geral de sua sociedade e suas instituições” em seus discursos. E Halliday (2004, p.211) afirma que tanto “a experiência do mundo material”, ou seja, nossa experiência de como ‘fazer’, quanto a “experiência do mundo de nossa própria consciência”, a experiência de como ‘sentir’, podem ser representadas como ‘ser’.

Cabe lembrar que, ao se referir à estrutura semântica do texto, Halliday (1994, p.336-337) declara que a “escolha de Tema, oração por oração, é o que leva adiante o desenvolvimento do texto como um todo”, pois estabelece uma relação com o que foi dito antes, projetando o leitor para o que virá depois, sendo “a proeminência orientada pelo falante”, ou seja, é o autor que escolhe o ponto de partida de sua mensagem, dependendo da sua intenção no momento da interação.

Nesse sentido, minha hipótese é a de que a escolha que o falante realiza quanto a posição do verbo ‘ser’ na oração – P1-V-P2 (Participante1-Verbo-Participante2), V-P1,P2 (Verbo-Participante1- Participante2) ou V-P2 (Verbo-Participante2) – e, por conseguinte, para os demais participantes, é uma das possibilidades exploradas pelos autores dos artigos aqui analisados para a veiculação dos significados ideacionais, como forma de fornecer um esquema estrutural que contribua para a construção de sua experiência, entendida como significado, e para o desenvolvimento de seus textos, tanto do ponto de vista semântico quanto do pragmático.

Com base nessa constatação, pergunto:

1 - que tipo de construção ou interpretação da experiência podemos inferir nas seqüências semânticas em que o verbo ‘ser’ ocorre?

2 - qual a contribuição desse processador para a construção dos significados?

A partir daí, analisei as orações, descrevendo como a construção da experiência é realizada através do uso do verbo ‘ser’, nos 70 artigos, nas duas posições em que ocorrem nos textos, e apresento abaixo alguns exemplos dessas análises.

4.2

A instanciação do verbo ‘ser’ na ordem P1-V-P2 (Participante-Verbo-Participante)

O objetivo nesta seção é expor as principais características sintáticas, semânticas e pragmáticas das orações identificadas pela ordem (P1-V-P2), à luz da GSF. Para tanto, apresento, abaixo os exemplos extraídos da análise do corpus selecionado para esta tese.

Exemplo (1): Artigo 20 – “Sofro como todo brasileiro”, por Dom Eugenio Sales, publicado no jornal *O Globo* – 771 palavras – 9 ocorrências do verbo ‘ser’ como verbo principal, sendo 8 na posição canônica.

Destaco os seguintes trechos desse texto para minha análise:

“E fico a pensar em tantos discursos, buscas de culpados e de soluções, lágrimas que indicam o sofrimento, a angústica e creio que podem ser fruto de arrependimento ou de decepção. (a) **O mais ausente, porém, é o único capaz de dar uma solução.**

Raramente se ouve o apelo ao Senhor. A raiz de tudo o que nos aflige tem sua explicação no afastamento de Deus. Cristãos ou não, somos parte de um desmoronamento da sociedade.

[...]

Há tempo para denunciar o mal, mas fica no esquecimento a oração pelo fortalecimento dos que trabalham em favor de um futuro autenticamente cristão para o Brasil.

(b) **De grande valia é a recitação do Terço do Rosário**, de modo particular, em família. Nas conclusões da Reunião do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, México, em 1979, está o pedido de “que se redescubra o valor do Rosário” (número 728).

(c) **A atual situação por que passa o nosso país é uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor.** (d) E, com a devida antecedência, relembro que **o mês de outubro é o mês consagrado ao Rosário.**

[...]

Cada Sucessor de Pedro estimula a prática e louva suas benemerências. (e) **Para quem tem fé, essa posição constante do Magistério Pontifício é de grande valor.**

[...]

“A igreja no Brasil”, no volume III, referente aos anos de 1700 a 1822 (pág. 267), informa-nos: “As tradicionais festas e devoções dos tempos anteriores aumentaram extraordinariamente (...) (f) **as devoções mais do gosto dos cristãos da época eram a reza do Terço cantado.**”

[...]

Logo no início de seu pontificado, em 29 de outubro de 1978, por ocasião do “Angelus”, falando para 100 mil pessoas na Praça de São Pedro, recorda o 30 dia da morte de seu antecessor e assim se expressou: (g) **“O Rosário é a minha oração predileta.”**

Análise:

Os extratos acima revelam a ocorrência de 8 instanciações do verbo ‘ser’, sendo 7 no presente do indicativo e uma no pretérito imperfeito do indicativo, seis na terceira pessoa do singular, uma na primeira do plural e uma na terceira do plural.

O assunto principal tratado no texto é a volta à recitação do Terço do Rosário como um retorno às práticas familiares de oração, em favor de nossa pátria e da família brasileira, vítimas das dificuldades pelas quais passam, devido à “convulsão que sacode a nação há meses”.

O autor do texto, ao colocar a situação por que passa o país, atribuindo essa situação a causas e soluções que embora apontadas esvaziam-se, já estabeleceu que está interessado na categoria de ‘ausência’ de alguém que julga ser o único capaz de dar uma solução para tal situação. Ele o identifica, portanto, em termos da entidade¹ específica que realiza ou incorpora essa categoria: *o único capaz de dar uma solução*. Essa sentença poderia ser parafraseada como: *O papel de mais ausente é desempenhado pelo único capaz de dar uma solução*.

Ao referir-se ao que acredita ser o que coloca a nação em tal situação – o afastamento de Deus –, Dom Eugenio Sales expressa tal significação escolhendo uma oração (a) instanciada pelo verbo ‘ser’ e dois constituintes oracionais – P1 (*O mais ausente*) e P2 (*o único capaz de dar uma solução*).

A oração é iniciada com o participante – *o mais ausente* – que estabelece uma referência semântica com o afastamento referido na oração anterior. Ao colocar em primeiro plano P1, Dom Eugenio resgata o ‘afastamento’ a que se referiu, dando maior ênfase a sua argumentação, e leva adiante o desenvolvimento do texto, mantendo em foco a sua intenção de chamar a atenção dos brasileiros de que eles estão afastados daquele que é a única solução para os problemas que enfrentam, ou seja, de que o Senhor está ausente porque os brasileiros se afastaram dele.

Essa escolha pela disposição dos participantes na oração revela o modo como a mensagem foi manipulada, de acordo com a intenção de manter em foco no artigo, ‘o afastamento’, ‘a ausência do apelo ao Senhor’, e de dar continuidade ao que seria

¹ É importante observar que ‘entidade’ é uma noção semântica; sua realização léxico-gramatical é efetuada na seleção de algum grupo nominal que tenha um papel funcional na oração (Hasan & Fries: 1995, p.372).

desenvolvido a seguir, a saber, a re-aproximação do Senhor através da oração do terço do Rosário.

A análise sistemática das escolhas efetuadas revela-nos a natureza dos sucessivos significados que vão sendo colocados em destaque e a sua importância na estrutura informacional. O autor poderia ter iniciado sua oração escolhendo uma ordem de participantes diferente, a qual poderia ser: *O único capaz de dar uma solução é o mais ausente*, porém esta não daria ao texto a textura coesiva desejada, isto é, esse tipo de escolha interromperia a evolução argumentativa, pela razão exposta acima.

A opção pela construção da oração com o verbo ‘ser’ revela a intenção de estabelecer uma relação de singularidade através da relação de identificação, pois um participante foi identificado em relação ao outro, ou seja, uma entidade está sendo usada para identificar uma outra, a entidade, o Participante2 – *O único capaz de dar uma solução* – é a que deve ser identificada e o Participante1 – *o mais ausente* – é o que servirá como identidade, ou seja, o Participante1 serve para definir a identidade do Participante2.

O verbo ‘ser’ estabelece a identificação nessa oração, na qual as duas partes se referem à mesma coisa, à mesma entidade do mundo real, e dessa forma, há a possibilidade de reversão dos participantes. Esse tipo de processo é então chamado de Processo Relacional Identificativo, cuja função é identificar uma entidade em termos de uma outra. Logo, *O único capaz de dar uma solução* é identificado como *o mais ausente*.

Certamente, a leitura das orações original e invertida permite comprovar que os dois constituintes não-verbais referem-se a uma mesma entidade extralingüística; além disso, eles manifestam uma coincidência na extensão de seu campo referencial, favorecendo à reversibilidade que distingue essas estruturas. A identidade referencial denotada por toda a oração Relacional Intensiva Identificativa levou Halliday a sustentar que essas orações são plenamente reversíveis em sua distribuição e funções sintáticas.

No entanto, a teoria da reversibilidade é admissível apenas em uma análise no plano sintático, pois a omissão dos níveis semântico e pragmático podem levar-nos a uma descrição muito parcial das construções em estudo. O nível pragmático relaciona-se ao exame de diversas funções informativas que, como vimos acima, têm, como as funções semânticas, uma intervenção direta no comportamento sintático dos enunciados, como é

o caso da tematização dos constituintes oracionais. Portanto, as versões invertidas teriam a mesma referência das originais, mas difeririam no plano funcional.

Estas observações fazem-se necessárias na análise das estruturas, uma vez que o ordenamento oracional aparece subordinado a necessidades comunicativas do falante. Vejamos por quê em um fenômeno descontextualizado:

Sérgio Cabral é o governador do Rio. Esta oração está ordenada para ser a resposta da pergunta: Quem é o governador do Rio? A intenção de quem pergunta é saber o nome do governador, portanto a informação nova deve vir em primeiro lugar na oração, no caso *Sérgio Cabral*.

Já a oração *O governador do Rio é Sérgio Cabral* é a resposta apropriada para a pergunta: Quem é Sérgio Cabral? Em primeiro lugar está novamente a informação que o questionador deseja saber *O governador do Rio*.

Como podemos observar, a escolha pelo falante do nome de *Sérgio Cabral* e *O Governador do Rio* na primeira posição aponta para uma diferença no plano funcional.

Verifica-se, portanto, que as orações relacionais de identificação funcionam como um recurso de co-referencialidade, no sentido de que permitem integrar, mediante o verbo ‘ser’, duas expressões de idêntica referência extra-lingüística. Em uma oração Relacional Intensiva Identificativa, os dois constituintes sintáticos têm um mesmo referente extra-lingüístico e o verbo admissível é o ‘ser’.

Embora em uma oração Relacional Identificativa ambos os participantes refiram-se à mesma entidade no mundo real, essa oração não é uma tautologia, isto é, aquela em que um membro de uma classe está no mesmo nível de abstração do seu par. Há uma diferença entre as partes relacionadas, pois ao fazer sua escolha, o autor relacionou uma realização específica e uma categoria mais generalizável, ou seja, estreitou a classe em questão à classe de um membro só, identificando um participante pelo outro.

O Participante 2 *o único capaz de dar uma solução* é posicionado em uma perspectiva mais ampla, identificando-o como o portador específico de um papel, o de ser o mais ausente, que poderia, em princípio, ser destinado a outros. A realização específica está relacionada ao Participante1 – *o mais ausente* – que pode ser classificado como ‘Valor’ e a categoria mais generalizável ao Participante2, que pode ser classificado como ‘Característica’.

A estrutura de uma oração Relacional Identificativa pode apresentar-se como Identificador/Valor e Identificado/Característica ou Identificado/Valor e Identificador/Característica. A direção da identidade – do geral para o específico ou do específico para o geral – depende de qual entidade está em destaque. Como nos indica o exemplo acima, o autor está identificando *O único capaz de dar uma solução*, designando-lhe um Valor – *o mais ausente*.

Nesse sentido, verifica-se que Dom Eugênio privilegiou o que para ele é mais importante chamar a atenção do seu leitor, pois ao colocá-lo em primeiro lugar, estabelece a direção dessa identidade.

A classificação dos Participantes em Valor e Característica diz respeito ao significado pragmático existente em tal seleção, a saber, revela os interesses e valores do autor e a cultura da qual faz parte: Dom Eugênio é Arcebispo da Igreja Católica e, portanto, expressa seus valores pessoais e culturais através de construções em que coloca em primeiro plano sua crença, seus ensinamentos, sua visão de mundo. A estrutura Valor- Característica tende a aparecer onde os significados que estão sendo construídos são inerentemente simbólicos, como no caso acima.

No segundo parágrafo do texto selecionado, exemplo (b) – *De grande valia é a recitação do Terço do Rosário, de modo particular, em família* – o verbo ‘ser’ está instanciado no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. Semanticamente, ele relaciona um participante (P1) – *De grande valia* – a um outro participante (P2) – *a recitação do Terço do Rosário*.

Trata-se de uma ocorrência em que o autor escolheu inverter a ordem canônica da oração para dar maior destaque à propriedade que atribui à recitação do Terço do Rosário em família, a saber, a de ser de grande valia. A ordem canônica seria a seguinte: *A recitação do Terço do Rosário é de grande valia*.

No português, a ocorrência típica consiste na seleção do Sujeito para a posição inicial e esta é a configuração que o ouvinte/leitor espera que aconteça. Logo, a seleção de outro constituinte para esse fim alerta o ouvinte de imediato para um significado que está sendo colocado em destaque de forma especial.

O fato de haver uma oração com a presença do verbo ‘ser’ + um participante cujo núcleo do grupo nominal é um adjetivo indica a sua classificação como uma oração

Relacional Intensiva Atributiva e, dessa forma, teríamos a seguinte análise: O Participante 1 – *de grande valia* – pode ser classificado como o Atributo do Participante 2 – *a recitação do Terço do Rosário em família*, que tem como função ser o Portador desse atributo.

É interessante observar que, nesse exemplo, os constituintes podem ser invertidos e embora haja essa possibilidade, essa oração não pode ser classificada como uma oração Relacional Intensiva Identificativa, porque o grupo nominal em P1 apresenta um adjetivo como núcleo, característica das orações Relacionais Intensivas Atributivas. Por outro lado, embora apresente um adjetivo como núcleo de um de seus participantes, essa oração também não pode ser considerada uma oração Relacional Intensiva Atributiva, porque ela apresenta a possibilidade de reversão de seus constituintes.

A classificação dessa oração parece estar diante de um impasse entre seguir as características estruturais sugeridas pela GSF ou analisar a oração apenas do ponto de vista semântico. Este impasse entre uma e outra classificação, a meu ver, aponta para uma forte influência do aspecto funcional da linguagem, ou seja, essa possibilidade desenvolveu-se para atender à necessidade do falante de chamar a atenção para o que considera mais importante. Logo, o fato de ter sido possível tematizar o P1, demonstra uma possibilidade dentre as oferecidas pelo sistema de transitividade da língua portuguesa, com relação às diversas opções de significação proporcionadas pelo verbo ‘ser’.

Cabe chamar a atenção para o fato de que a GSF foi desenvolvida especificamente para a descrição da língua inglesa, fato que deve ser levado em conta quando se tem como objetivo verificar as especificidades de uma outra língua orientada por tal gramática. Além disso, a própria concepção de linguagem defendida pela abordagem sistêmico-funcional, a de que a linguagem desenvolve-se para atender a necessidade do falante no momento de sua interação, determina o que é possível em algumas línguas e em outras não, uma vez que tal possibilidade está relacionada às especificidades lingüísticas disponíveis em uma determinada língua.

O exemplo acima demonstra a diferença entre as línguas portuguesa e inglesa, o que dificulta a tentativa de classificação em orações Relacionais Atributivas ou Identificativas, segundo as características definidas pela GSF. Vale mencionar aqui

também o fato de que, por vezes, a tentativa de uma classificação dos fatos da língua não resiste à potencialidade da mesma.

A sugestão que proponho é a de que, em estudo futuro, sejam verificadas mais ocorrências desse tipo de estrutura em outros gêneros discursivos para que se possa chegar a uma sistematização quanto à classificação dessas orações em Orações Relacionais Intensivas Atributivas, com possibilidade de inversão dos constituintes, em Orações Relacionais Intensivas Identificativas, com a possibilidade de escolha de um adjetivo para o Participante 2, ou, ainda, considerá-las como orações que transitam entre uma atribuição e uma identificação.

Outrossim, ressalto ainda que se substituirmos o grupo nominal *de grande valia* pelo adjetivo *valiosa*, teremos a seguinte produção: *A recitação do Terço do Rosário em família é valiosa*. Se invertermos essa ordem, teremos uma construção de mesmo valor significativo: *Valiosa é a recitação do Terço do Rosário*, a qual inserida no contexto mantém a significação original.

Experiencialmente, a oração constrói uma relação de significação entre um Participante – o Portador – e um outro Participante – o Atributo, isto é, há uma configuração de um processo e participantes, o que constitui o centro da experiência. O processo é o de ‘ser’. Os dois Participantes do trecho (b) *De grande valia* e *A recitação do Terço do Rosário* são elementos na relação de ‘ser’, os quais configurados um com o outro fazem parte do mesmo domínio de ‘ser’.

De grande valia é uma propriedade semiótica que pode ser atribuída ao Participante 2 – *A recitação do terço do rosário*, estabelecendo-se assim uma relação de ‘ser’ entre duas entidades separadas, o que se poderia chamar de dois verbos ‘ser’ (‘ser1’ – *A recitação do Terço do Rosário* e ‘ser2’ – *de grande valia*). Dessa forma, a oração relacional é uma configuração de ‘ser’ + ‘ser2’. O significado experiencial está na relação dos dois participantes, tendo o verbo ‘ser’ configurado o processo que os relaciona abstratamente, pois a configuração do Processo + ser1+ser2 cria o potencial para a construção de relações abstratas de associação de classe nos domínios da experiência.

A entidade – *a recitação do Terço do Rosário* – que denominamos Portador do Atributo tem uma classe imputada ou atribuída a ela, ou seja, o Atributo – *de grande*

valia. O grupo preposicionado com um adjetivo *grande* como núcleo, funciona como o Atributo.

O domínio de atribuição dessa oração inclui os modos de experiência externa e interna que são da mesma ordem do Atributo. Portanto, com *de grande valia*, como Atributo, o Portador tem de ser uma meta-coisa – representada por um fato – *a recitação do Terço do Rosário*, para que possam ser relacionados estando no mesmo nível de abstração simbólica.

A opção pela forma vista acima foi uma das opções entre outras escolhidas para a construção de atribuição qualitativa – *de grande valia* – que poderia ter sido construída como um Processo qualitativo, a saber: *A recitação do Terço do Rosário vale muito*.

Antes de seguir para o trecho (c), gostaria de chamar a atenção para o exemplo (e) *Para quem tem fé, essa posição constante do Magistério Pontifício é de grande valor*.

Neste caso, há uma oração de estrutura semelhante a analisada acima. No entanto, o autor escolheu seguir a ordem canônica em detrimento da inversão dos participantes que seria *Para quem tem fé, de grande valor é essa posição constante do Magistério Pontifício*, como o fez no exemplo anterior.

A escolha pela construção canônica revela a natureza da relação semântica estabelecida entre a oração (e) e a oração anterior, *Cada Sucessor de Pedro estimula a prática e louva suas benemerências*. Dom Eugenio inicia a oração (e) dirigindo a atenção do leitor para o fato de que se o leitor considera-se incluído no grupo dos que têm fé, tomará a posição de cada sucessor de Pedro – os Papas – de estimular a prática e louvar suas benemerências como valiosa e a seguirá, pois eles são os chefes da igreja católica, maior autoridade religiosa. O que o autor quer manter na mente do leitor é quem está fazendo a sugestão e, portanto, a repete no início da oração (e) com o objetivo de despertar no leitor o fato de que se ele tem fé, dará valor a sua sugestão de rezar o rosário, daí ter sido mantida a ordem canônica, para a aproximação e reforço dos significados propostos.

No decorrer do mesmo parágrafo, há outras instâncias do verbo ‘ser’, que são singulares, nas quais cada verbo ‘ser’ refere-se a uma única ocorrência de um processo de ‘ser’. Vejamos então as ocorrências seguintes.

No trecho (c) *A atual situação por que passa o nosso país é uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor*, o Processo é realizado pelo verbo ‘ser’ no presente do indicativo e dois participantes – P1 – *A atual situação por que passa o nosso país* e P2 – *uma oportunidade de retorno ao Terço*.

O autor do texto refere-se à atual situação do país atribuindo-lhe a característica de ser uma oportunidade de retorno à recitação do Terço do Rosário. Vale observar que a inversão dos participantes nesse processo seria inadequada ao contexto, uma vez que expressa significado diferente da estrutura anterior – *Uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor é a atual situação por que passa o nosso país*, ou ainda, *Uma oportunidade de retorno ao Terço é a atual situação por que passa o nosso país*.

Como podemos observar nas inversões sugeridas acima, o Participante1, agora – *Uma oportunidade de retorno ao Terço* está seguido de uma oração longa que interrompe a relação com o Participante 2, agora – *A atual situação por que passa o nosso país* – e dificulta o entendimento. Mesmo que retirássemos a oração iniciada por *onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor*, a oração no todo não faz sentido no co-texto em que está sendo usada.

É interessante observar também que o verbo ‘ser’, neste exemplo, pode ser substituído pelos verbos *representar*, *constituir*, *indicar*, entre outras possibilidades, o que poderia caracterizar a oração como Relacional Intensiva Identificativa. Vejamos a substituição:

1 – *A atual situação por que passa o nosso país representa uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor*;

2 – *A atual situação por que passa o nosso país constitui uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor*;

3 – *A atual situação por que passa o nosso país indica uma oportunidade de retorno ao Terço onde foi relegada, posta de lado essa prática religiosa de grande valor*.

No entanto, mesmo com essas substituições, a ordem de seus participantes não pode ser invertida, mais uma vez sob pena de alterar sua direcionalidade e significado,

vejam: *Uma oportunidade de retorno ao Terço representa a atual situação por que passa o nosso país.*

Com base no exposto acima, o exemplo analisado poderia ser classificado como uma oração Relacional Intensiva Identificativa por apresentar a característica típica de poder ter seu processo de ‘ser’ substituído pelo verbo *representar*, mas ela não aceita a reversibilidade como teste principal para sua classificação. Por outro lado, esse exemplo não pode ser uma oração Relacional Intensiva Atributiva por poder ter seu processo de ‘ser’ substituído pelo verbo *representar*.

Este é mais um exemplo de impasse identificado por mim que sugiro seja aprofundado em um outro trabalho, pois merece um tratamento mais detalhado, o qual foge ao objetivo específico desta tese.

Vale chamar a atenção para o fato de que a possibilidade de substituição do verbo ‘ser’ por diferentes formas lexicais verbais como *representar*, *constituir*, *indicar* etc. significa que há escolhas específicas realizadas pelo autor para construir sua própria experiência do mundo e transmiti-la ao seu leitor entre outras possibilidades. E as orações relacionais são as que possibilitam construir tanto a experiência externa quanto a experiência interna, moldando-as como ‘sendo’ ao invés de ‘fazendo’ ou ‘sentindo’, processos material e mental, respectivamente. Dessa forma, um e o mesmo texto pode oferecer modelos alternativos do que seria o mesmo domínio de experiência.

A instanciação seguinte do verbo ‘ser’, o trecho (d) – *E, com a devida antecedência, relembro que o mês de outubro é o mês consagrado ao Rosário* – é um processo de ‘ser’ em que há o Participante 1 – *o mês de outubro* – e Participante 2 – *o mês consagrado ao Rosário* – expressos por grupos nominais iniciados pelo artigo definido *o*.

Cabe informar que este artigo foi publicado no dia 1 de outubro, razão pela qual o autor inicia a oração dizendo *E, com a devida antecedência, o mês de outubro....* referindo-se em primeiro lugar à informação para a qual ele deseja chamar a atenção, para em seguida identificá-la com uma outra informação.

O objetivo neste artigo é o de argumentar a favor da importância da oração e da retomada da recitação do Terço do Rosário em família, razão pela qual o autor inicia descrevendo problemas sociais que poderiam ser solucionados se os brasileiros se

aproximassem mais do Senhor através da oração do Terço em família. Como seu artigo será publicado naquele mês, sua escolha está relacionada à natureza do significado que deseja construir, a saber, o de chamar a atenção para o fato de que como o mês de outubro está se iniciando, esta é a oportunidade de se retomar a oração do Terço em família, já que aquele é o mês consagrado ao Rosário, e de se aproximar do Senhor, o único capaz de solucionar os problemas que enfrenta o país.

Observa-se que há uma equivalência entre os dois participantes: *o mês de outubro* é equivalente a uma igualdade, ou seja, *o mês de outubro* é equivalente ao *mês consagrado ao Rosário*. Essa equivalência torna possível a inversão dos participantes: *O mês consagrado ao Rosário é o mês de outubro*, o que nos leva a concluir que ambas as entidades referem-se à mesma entidade simbólica do mundo real. A função desse processo é identificar uma entidade *o mês de outubro* em termos de uma outra entidade *o mês consagrado ao Rosário*.

No entanto, essencialmente, a identificação relaciona uma realização específica e uma categoria mais geral. *O mês de outubro* foi colocado na posição inicial, uma perspectiva maior, e identificado como *o mês consagrado ao Rosário*.

No exemplo em questão, como a categoria mais geral, *o mês de outubro*, já havia sido estabelecida em termos de contexto de situação, Dom Eugenio identifica seu interesse em termos da entidade específica que o realiza ou incorpora: *o mês consagrado ao Rosário*. A categoria mais geral é *o mês de outubro*, portanto o Valor, e a entidade que o realiza ou incorpora, a Característica, *o mês consagrado ao Rosário*. *O mês consagrado ao Rosário* está identificando o participante *o mês de outubro*.

O mês de outubro é o Identificado, ou seja, a entidade a ser identificada; *o mês consagrado ao Rosário* é o Identificador, a forma como *o mês de outubro* é identificada. Logo, em termos de direcionamento da identidade, temos Identificado/Valor e Identificador/Característica.

Dessa forma, foi atribuída uma identificação ao *mês de outubro* como o portador da característica de ser *o mês consagrado ao Rosário*, que poderia ter sido atribuída a outros meses. Essa oração poderia ser parafraseada da seguinte forma: *O mês de outubro representa o mês consagrado ao Rosário*.

O exemplo (f) *As tradicionais festas e devoções dos tempos anteriores aumentaram extraordinariamente (...) as devoções mais do gosto dos cristãos da época eram a reza do Terço cantado.*

Nesse caso, temos o verbo ‘ser’ relacionando o Participante 1 *as devoções mais do gosto dos cristãos da época* ao Participante 2 *a reza do Terço cantado*. O Participante 1 é o Identificado e o Participante 2, o Identificador, relacionados pelo processo de ‘ser’. Trata-se de uma oração em que o Participante 2 está identificando o Participante 1, ou seja, há uma atribuição de identidade a um dos participantes, podendo então ser classificada como uma oração Relacional Intensiva Identificativa.

Logo, se um participante está sendo identificado pelo outro, eles estão em uma situação de igualdade e tanto um quanto o outro poderiam ocupar a primeira posição na oração. A escolha desse constituinte a ocupar a posição inicial é, portanto, significativa e funcional, pois está a serviço da função da construção da experiência que o autor deseja comunicar.

Como estamos verificando nas análises até então, em uma análise de perspectiva semântica, a ordem dos participantes está relacionada com a intenção do falante/escritor de colocar em destaque o que para ele é um valor e, assim sendo, está diretamente relacionada com suas crenças e ideologias.

Na minha leitura, verifico que o objetivo é chamar a atenção do leitor para o fato de que se há fé, então o leitor deve valorizar o que sugerem os sucessores de Pedro, se o leitor segue os dogmas da igreja no Brasil desde os séculos XVI, se ele é um devoto, deve rezar o terço, que naquela época era até cantado. Isto porque Don Eugenio está tentando convencer seus leitores a retomarem essa prática religiosa no mês que a ela é dedicado e que está iniciando-se.

Acrescento a última oração deste artigo a ser analisada aqui como mais uma colaboração para o que acabo de dizer.

A oração (g) *O Rosário é a minha oração predileta* é o fecho que Dom Eugenio coloca na sua argumentação para que os leitores rezem o Rosário. Neste ponto, ele posiciona-se de forma direta, adicionando mais essa informação para persuadir o leitor a concordar com ele e seguir o que sugere.

Nessa construção, temos o Participante 1 *O Rosário* como o Identificado, o processo expresso pelo verbo ‘ser’ e o Participante 2 *a minha oração predileta*, como o Identificador. A relação estabelecida é a da identificação e, dessa forma, a ordem dos participantes poderia ter sido revertida, o que resultaria na seguinte oração: *A minha oração predileta é o Rosário*, o que não alteraria o sentido no texto. Mas, essa seleção pela posição inicial da oração com o Participante *O Rosário* está relacionada com o fato de essa categoria mais geral já ter sido mencionada e, então, passa a ser identificada em termos de sua incorporação específica *a minha oração predileta*. Logo, a oração pode ser classificada como oração Relacional Intensiva Identificativa.

Exemplo (2): Artigo 12 – “São Paulo mostra o caminho” – publicado no jornal *O Estado de S.Paulo* – Editorial – 656 palavras – 12 ocorrências do verbo ‘ser’, sendo 9 na posição canônica.

Os trechos escolhidos para a análise foram:

“(a) **A proposta de Orçamento do Estado de São Paulo para 2006 é uma prova de que austeridade e seriedade na gestão de recursos públicos**, às vezes causas de descontentamentos políticos no curto prazo, **produzem grandes benefícios tanto para o governo como, sobretudo, para a população.**

[...]

(b) **Renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis foi o grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997**, quando se concluiu o acordo com a União. Outros governos estaduais também tinham sérios problemas financeiros, mas (c) **o de São Paulo era de longe, o maior deles**. Do total de R\$ 130 bilhões renegociados pela União, (d) **R\$ 46 bilhões eram de responsabilidade do governo paulista.**

(e) **Os termos da renegociação foram duros para os devedores.**

[...]

(f) **O objetivo do governo é reduzir o saldo devedor**, por meio do aumento do superávit primário no próximo ano. Em 2005, o superávit primário do Estado (que exclui os juros da dívida) chegará a R\$ 3,2 bilhões; em 2006, será de R\$ 3,8 bilhões. Mesmo com superávit maior, o governo paulista terá mais recursos para investir no ano que vem.

(g) **Os investimentos previstos são de R\$ 9,1 bilhões**, praticamente 20% mais do que o valor orçado para este ano. (h) **Do total, R\$ 2,8 bilhões serão das empresas estatais paulistas** e R\$ 6,3 bilhões de recursos do Tesouro estadual.

Análise:

O trecho (a) apresenta uma configuração de dois participantes, o Participante 1, expresso pelo constituinte *A proposta de Orçamento do Estado de São Paulo para 2006*, um processo, expresso pelo grupo verbal *é* e o Participante 2, expresso pelo constituinte *uma prova de que austeridade e seriedade na gestão de recursos...*

Verifica-se que os participantes podem ter sua ordem invertida e, por apresentarem essa característica, essa oração pode ser classificada como uma oração Relacional Intensiva Identificativa, na qual um participante está sendo identificado pelo outro, isto é, o Participante 2 está sendo usado para identificar o Participante 1.

Essa oração de relação de identidade ilustra o uso do processador ‘ser’ em orações identificativas na construção de conhecimentos como os de estabelecer a singularidade da *proposta de Orçamento* como uma prova de que austeridade e seriedade na gestão de recursos públicos produzem grandes benefícios. Esse significado construído pela configuração acima revela que o autor quis destacar a austeridade e a seriedade como características identitárias do Orçamento e o fez igualando-as através do verbo ‘ser’.

Pode-se então classificar o Participante 1 como o Identificado, aquele que será identificado, e o Participante 2 como o Identificador, aquele que dará identidade. Há uma tendência para que o Identificador seja o segundo participante e a razão se dá pelo fato de o Identificador conter a informação nova.

Como observar-se no trecho (a), o artigo foi iniciado por uma informação que já é conhecida do leitor *A proposta de Orçamento do Estado de São Paulo para 2006*, em seguida, o autor a identifica como *uma prova de que austeridade e seriedade na gestão de recursos públicos produzem grandes benefícios ..*, informação esta que é nova para o leitor, pois trata-se da opinião do autor do artigo.

A seleção da ordem temática da oração (a) revela-nos a natureza dos significados que são colocados em destaque e a sua importância na estrutura informacional. Aqui, a categoria mais geral é a que já é do conhecimento do leitor, podendo ser recuperada no

conjunto de suas informações de mundo, e a entidade específica com a qual o autor quer identificá-la está sendo realizada pelo Participante 2 *uma prova de que austeridade e seriedade na gestão de recursos públicos produzem grandes benefícios ...*

Em termos de uma análise da direção da identidade, temos Identificado/Valor e Identificador/Característica. Esse tipo de análise revela-nos os significados ideacionais intencionados pelo autor do texto nesse tipo de discurso.

No trecho (b) *Renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis foi o grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997*, verificamos que há dois constituintes oracionais que podem ter sua ordem invertida. A inversão resultaria na seguinte oração: *O grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997 foi renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis*.

Como foi possível reverter os constituintes sem prejuízo do significado criado no texto, a relação estabelecida pelo verbo ‘ser’ é a de igualdade e, dessa forma, temos uma oração Relacional Intensiva Identificativa, na qual o processo relacional está expresso pelo verbo ‘ser’ no pretérito perfeito do indicativo.

O Participante 1 *Renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis* pode ser classificado como o Identificado e o Participante 2 *o grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997*, como o Identificador.

A análise das escolhas efetuadas para a ordem oracional revela-nos que o autor seleciona para a posição inicial a entidade de categoria mais geral *Renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis*, que já foi estabelecida no texto e a identifica em termos de uma entidade específica que a incorpora *o grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997*. Em termos da direção da identificação, temos Identificado/Valor e Identificador/Característica.

O autor poderia ter selecionado uma outra forma de elaboração estrutural e substituído o verbo ‘ser’ pelo verbo ‘representar’, o que resultaria na seguinte estrutura: *Renegociar sua imensa dívida em bases tecnicamente aceitáveis representou o grande problema que o governo paulista enfrentou entre 1995 e 1997*. No entanto, a reversão neste caso não seria possível.

O trecho (c) *Outros governos estaduais também tinham sérios problemas financeiros, mas o de São Paulo (c) era de longe, o maior deles*, apresenta um

Participante 1 expresso pelo grupo nominal *o [problema financeiro] de São Paulo*, o processo expresso pelo grupo verbal *era* e o Participante 2 expresso pelo grupo nominal *o maior deles*.

Neste trecho, pode-se verificar que há uma identificação do Participante 1 pelo Participante 2. Os dois participantes referem-se à mesma questão e apresentam uma igualdade no significado, ou seja, *o [problema financeiro] de São Paulo = o maior deles*. Nesse caso, então, é possível fazer uma inversão da ordem dos constituintes sem que haja perda do sentido expresso pela oração original, vejamos: *O maior deles era o de São Paulo*. Essa oração pode ser classificada como uma oração Relacional Intensiva Identificativa. O Participante 1 é o Identificado e o Participante 2, o Identificador.

Como já foi mencionado nos exemplos acima, embora os constituintes refiram-se à mesma coisa, não se trata de uma tautologia, há uma diferença entre eles e, como vimos, essa diferença pode ser caracterizada como uma diferença de expressão e conteúdo, ou seja, em termos de seus rótulos na gramática, uma diferença de Característica e Valor – e ambos podem ser usados um para identificar o outro.

Nesta contrução *o de São Paulo era o maior deles*, está-se identificando *o de São Paulo* atribuindo-lhe uma Característica *o maior deles*. Dessa forma, a direção da identificação pode ser classificada como Identificado/Valor e Identificador/Característica.

O trecho (d) *Do total de R\$130 bilhões renegociados pela União, R\$46 bilhões eram de responsabilidade do governo* apresenta um Participante 1 expresso pelo constituinte *R\$46 bilhões*, um processo expresso pelo verbo ‘ser’ na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo e um Participante 2 expresso pelo constituinte *de responsabilidade do governo*.

Este caso apresenta o Participante 2 iniciado pela preposição *de* que se for omitida não afeta o significado original: *R\$ 46 bilhões eram (a) responsabilidade do governo*. No entanto, o uso da preposição *de* deu ênfase à identidade *responsabilidade* atribuída àquela soma de dinheiro, ou seja, do volume total de R\$ 130 bilhões, uma parte está sendo identificada como responsabilidade do governo. Se invertermos a ordem de seus constituintes, essa frase resultaria na seguinte estrutura: *A responsabilidade do governo era R\$ 46 bilhões* ou ainda *A responsabilidade do governo era de R\$ 46 bilhões*.

Em termos de construção dos significados na estrutura informacional, podemos atribuir ao Participante 1 o rótulo de Valor, pois trata-se de uma informação que já foi mencionada antes, para a qual o autor atribui uma identificação em termos de Característica.

Nos trechos (g) e (h) ocorre o mesmo fenômeno verificado no trecho acima (d), razão pela qual não serão aqui descritos.

O trecho (e) *Os termos da renegociação foram duros para os devedores* apresenta um Participante 1 *Os termos da renegociação* seguido do verbo ‘ser’ na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo e um Participante 2 expresso pelo grupo nominal *duros para os devedores*.

O Participante 2 apresenta um grupo nominal que tem como núcleo o adjetivo *duros*, característica que indica a classificação da oração como Relacional Intensiva Atributiva. A configuração de processo ‘ser’ (*foram*) + dois verbos ‘ser’ (P1 e P2) abre o potencial para a construção de uma relação abstrata de associação de classe, ou seja, a associação de classe é construída pela oração atributiva.

As orações como a do trecho (e), verbo ‘ser’ + um adjetivo, foram, até o presente momento, interpretadas como um modelo de oração Relacional Intensiva Atributiva, guardadas as devidas diferenças entre as línguas inglesa e portuguesa. O Participante 1 *Os termos da renegociação* é o Portador do Atributo expresso pelo Participante 2 *duros*.

Nesses tipos de processo, explica-se o que é anunciado, no caso *Os termos da renegociação* pela sua inclusão em uma classe/conjunto formado por uma série de outros ‘termos’ da mesma espécie. Assim, ao classificar ‘os termos da renegociação’ como ‘duros’, através do verbo ‘ser’, o autor os está diferenciando dos demais tipos de termos que possam apresentar outras características diferentes de *duros*. A função do processo nesse tipo de oração é a de classificação pela imputação de um Atributo, o qual inclui seu Portador em uma classe específica.

A classificação dos ‘termos da renegociação’ exige um certo conhecimento do leitor, uma vez que, se ele não compartilhar a representação sugerida pelo autor, ele pode não ser a pessoa para quem esse artigo faria sentido ou deveria ser dirigido. Espera-se que o leitor faça parte da comunidade que sabe o que o conceito de ‘duros’ nesse contexto significa.

No trecho (f) *O objetivo do governo é reduzir o saldo devedor*, temos uma configuração de Participante 1 *O objetivo do governo*, um processo expresso pelo verbo ‘ser’ na 3ª.pessoa do singular do presente do indicativo *é* e um Participante 2 *reduzir o saldo devedor*.

Aqui o autor do artigo escolheu a forma de uma oração reduzida de infinitivo para o P2, em que P1 *O objetivo do governo* é o Identificado e P2 *reduzir o saldo devedor*, o Identificador. Neste caso, pode-se também fazer o teste da reversibilidade da ordem dos constituintes oracionais: *Reduzir o saldo devedor é o objetivo do governo*, o que não causa prejuízo à construção ou criação dos significados na estrutura informacional, o que possibilita classificar tal oração como Relacional Intensiva Identificativa.

A seleção do autor por esse tipo de construção deu-se em detrimento de outras possibilidades, a saber, *A redução do saldo devedor é o objetivo do governo*, ou ainda, *O objetivo do governo é a redução do saldo devedor*. Essas possibilidades também não prejudicariam o entendimento do texto.

Em termos de uma análise das escolhas efetuadas para preencher a posição inicial na oração, podemos inferir que diante do exposto no texto de que o governo de São Paulo vinha negociando suas dívidas, o autor seleciona para aquela posição o Participante *O objetivo do governo* pois esse significado já estava sendo construído ao longo do texto e o identifica em termos de uma entidade específica *reduzir o saldo devedor*.

Dessa forma, o autor está fazendo uma distinção do que para ele em uma relação de igualdade merece destaque, no caso, a redução do saldo devedor. Esse objetivo poderia ser qualquer outro, mas está identificado por essa característica específica, ou seja, por uma singularidade. Em uma oração identificativa, o que está sendo anunciado, no caso, *O objetivo do governo* é colocado em uma posição distinta em relação aos demais de seu grupo pela atribuição de sua identidade *reduzir o saldo devedor*.

O último trecho deste artigo (i) *Do total, R\$ 2,8 bilhões serão das empresas estatais paulistas* apresenta um P1 *R\$ 2,8 bilhões*, um processo expresso pelo verbo ‘ser’ na 3ª.pessoa do plural do futuro do indicativo e um P2 *das empresas estatais paulistas*.

Aqui, observa-se que o P2 inicia com a preposição *de* + o artigo definido feminino plural *as* que expressa uma relação de posse, ou seja, uma entidade possui a outra. Neste caso, essas orações podem ser consideradas Relacionais Possessivas que, por

sua vez, podem ser de dois tipos: (a) possessão como Atributo e (b) possessão como Processo.

O exemplo acima enquadra-se no tipo (a) possessão como Atributo. Esse tipo de oração pode ser construída tanto como atributivas quanto identificativas. No modo Atributivo, a relação é construída como o Atributo e toma a forma de um grupo nominal possessivo que no exemplo em questão é *das empresas estatais paulistas*, sendo a coisa possuída *R\$ 2,8 bilhões*, o Portador e o Possuidor *das empresas estatais paulistas*, o Atributo.

No entanto, esse tipo de oração não é de todo sintagmaticamente diferente das orações identificativas; a oração acima poderia ser tanto atributiva – *R\$ 2,8 bilhões é um membro da classe das possessões das empresas estatais paulistas* – ou identificativa – *R\$ 2,8 bilhões é identificado como pertencendo às empresas estatais paulistas*. No caso do modo identificativo, a posse toma a forma de uma relação entre duas entidades, podendo ser organizada com a relação expressa como uma característica dos participantes.

Nesse caso, possessão como participante, o participante incorporará a noção de posse, significando propriedade do possuidor – *das empresas estatais paulistas*, o outro significando a coisa possuída – *R\$ 2,8 bilhões*. Essa seleção foi realizada em detrimento de uma outra possibilidade de instanciação, a saber, *R\$ 2,8 bilhões pertencem às empresas estatais paulistas*.

A semelhança entre a oração instanciada pelo verbo ‘ser’ e a instanciada pelo verbo ‘pertencer’ pode ser resultado do tipo de função a que o autor deseja que a linguagem de seu texto sirva, pois tanto os processos materiais como os relacionais trazem informações sobre a possessão.

Vale a pena chamar a atenção novamente para o fato de que estamos diante de outra impossibilidade de determinar exatamente se se trata de processo identificativo ou atributivo de acordo com as definições da GSF. Meu entendimento é que ao nos concentrarmos em aspectos semânticos contextualizados, nos deparamos, por vezes, com a dificuldade de classificação estrita.

4.3

A instanciação do verbo ‘ser’ na ordem V-P (Verbo-Participante)

Nos exemplos abaixo, o verbo ‘ser’ ocorre instanciado na posição inicial da oração, tematizado, em intervalos razoavelmente regulares, indicando o modo como o conteúdo foi organizado para atender à criação dos significados.

Exemplo (3): Artigo 5 – “A grande onda”, por Paulo Guedes, publicado no jornal *O Globo* – 597 palavras – 7 ocorrências do verbo “ser”, sendo 4 iniciando a oração.

Ilustrarei e analisarei apenas 3 das 4 ocorrências no início da oração.

“As estradas que levam à catedral estão entupidas por multidões de peregrinos. (a) **São fiéis que desejam agradecer preces atendidas.** (b) **São comerciantes que vieram comprar e vender na capital da mais rica província da Europa**, centro comercial e industrial de têxteis, armas e couros.

[...]

Os preços elevados mais rapidamente eram os de energia, comida e insumos básicos, itens demandados mais fortemente durante período de crescimento populacional.

(c) **São também produtos com baixa elasticidade de oferta.**

[...]

Mas a grande onda derrubou um papa, seu sucessor foi assassinado, o papado removido para Avignon e o rei Edward II, da Inglaterra, foi empalado em ferro quente. Hoje (d) **seria tudo mais simples.**”

Análise

O autor inicia a oração do primeiro parágrafo estabelecendo o contexto situacional onde se dá o fato que relatará. Localiza o lugar, o processo e os participantes daquele processo específico, ou seja, o de haver uma estrada entupida de peregrinos.

No primeiro trecho, o participante – *peregrinos* – na oração *As estradas que levam à catedral estão entupidas por multidões de peregrinos* – é identificado e

recuperado pelas orações seguintes (a) e (b), iniciadas pelo verbo ‘ser’ na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

No segundo parágrafo do texto, a sentença (c) também identifica os participantes – *energia, comida e insumos básicos* – na anterior, sendo que, nesse caso, há uma identificação de forma resumitiva, expressa lexicalmente como *produtos*, o que retoma o anteriormente dito dando posseguimento ao discurso.

Neste parágrafo também, o autor utilizou-se do mesmo recurso, a saber, a tematização do verbo ‘ser’, como em (c), como recurso para estabelecer uma referência anafórica que proporcionou a coesão textual e a possibilidade de continuar adicionando mais informações aos participantes – *peregrinos e energia, comida e insumos básicos* – das orações anteriores.

Ao tematizar o verbo ‘ser’ nas orações (a) e (b) que se seguem à primeira, o autor estabelece uma ligação de ordem lógica e coerente com o dito anteriormente, acrescentando características identitárias aos participantes mencionados na oração anterior.

Como em português os verbos podem ser flexionados em número e pessoa, a flexão do verbo ‘ser’ é suficiente para estabelecer a referência léxico-gramatical, possibilitando, através da interdependência das orações, que o texto se desenvolva.

O discurso está constituído pela sucessão de informações, o que constrói o texto de forma gradual. O resultado da instanciização da adição de informações relacionadas pelo verbo ‘ser’ é um aspecto coesivo, marcando a textura lingüística do artigo, pois percebe-se a interligação semântica entre os elementos lingüísticos do texto.

Neste artigo, o tipo de relação representada pelas orações iniciadas pelo verbo ‘ser’ é a intensiva identificativa; ou seja, ideacionalmente temos uma oração Relacional Intensiva Identificativa: Participante 1 – Identificado: grupo nominal *multidões de peregrinos; energia, comida e insumos básicos*, um Processo: grupo verbal *são* e um Participante2 – Identificador: grupo nominal *fiéis e comerciantes; produtos com baixa elasticidade de oferta*.

Os Identificadores *fiéis e comerciantes* servem como identidade do Identificado *multidões de peregrinos*. *Multidão de peregrinos* é construído identitariamente, assim como *produtos com baixa elasticidade de oferta* serve como identidade do Identificado

energia, comida e insumos básicos, que também é construído identitariamente. Em cada caso, o Participante 1 está sendo identificado de uma forma única.

Ao fazer sua seleção, ao realizar um significado, o autor realiza uma escolha entre outras possíveis, de forma paradigmática e sintagmática. Na construção paradigmática, construímos um fenômeno como sendo de um tipo particular, fazendo uma seleção a partir de um conjunto de tipos potenciais. É a esse potencial da linguagem que o autor recorre para construir sua experiência do mundo, privilegiando, como no exemplo acima, a identificação em detrimento de outras possibilidades, construindo um fenômeno com composição específica, a saber, o da relação de identidade.

Nesse mesmo viés, apresento abaixo outros exemplos do *corpus*, como o do Artigo 1 – *Nós a imprensa* – de Ali Kamel, publicado no jornal O Globo, de que transcrevi quase na íntegra para que pudéssemos verificar as várias ocorrências de tematização do verbo ‘ser’. – 1.172 palavras – 32 ocorrências do verbo ‘ser’, sendo 12 na posição inicial da oração, das quais apenas 6 serão apresentadas aqui para ilustração. Vejamos os detalhes:

Exemplo (4):

“No meio da crise política, a imprensa virou alvo. Os que aparecem como acusados falam em massacre e em conspiração. Alguns acusadores falam em benevolência e falta de firmeza. Ninguém, fala em espelho.

(a) **É muito comum.** Mesmo entre os maiores defensores da liberdade, muitas vezes ouvi coisas do tipo: “Como é que vocês abrem espaço para um assunto como esse?”

[...]

“A cada minuto, os jornalistas devem estar prontos para ter acesso ao que acontece no Brasil e no mundo. Devem ser capazes de captar os fatos, escolher aquele com relevância para ser divulgado, entendê-lo, decodificá-lo e recodificá-lo numa linguagem acessível a multidões. (b) **É um processo contínuo**, sem tréguas, até o fechamento.

[...]

Não, não se trata de democratismo. Nada em jornalismo é decidido por maioria. Não se vota. A maioria nem sempre ganha. Aliás, a maioria nem sempre se materializa. Eu me refiro à natureza mesma do processo de trabalho: trata-se de um trabalho coletivo, imperativamente coletivo, necessariamente coletivo. Depende-se do repórter, do fotógrafo, do redator, do diagramador, do subeditor, do editor, do editor-chefe, do diretor de redação. Tudo depende sempre de uma coleção de cabeças.

A vacina funciona também graças a outra característica das redações: não existe filtro ideológico.

Eu sei, o leitor agora deve estar achando que exagerei. (c) **Mas é a pura verdade.** Evidentemente, um jornal procura se cercar dos melhores profissionais: daqueles que apuram bem, daqueles que escrevem bem, daqueles que são criativos, daqueles que são éticos, daqueles que têm uma boa história profissional.

[...]

O que um não disse, seja por erro, seja por incompetência, seja por omissão, o outro dirá. O que um disser de errado, o outro dirá de certo. Mesmo que um jornal erre por muitas semanas, outros acertarão. (d) E **será** sempre o público a julgar.

[...]

Com isso, o meio, privado, deformaria a mensagem segundo seus interesses. (e) **É uma visão** que infantiliza o público: para se manterem, as empresas de mídia devem satisfazer os anseios do público, e este demanda informação de qualidade, correta, isenta, abrangente. Eu poderia dizer que a crítica de Chaúí revela um saudosismo de experiências como o “Pravda”. Mas (f) **seria** injusto: ela sabe que ali não se tratava de jornalismo, mas de propaganda”.

Análise

Neste artigo, Ali Kamel argumenta em favor da imprensa, defendendo-a como um trabalho imparcial e correto, que está a serviço da opinião pública, não conspira contra ninguém e tampouco é benevolente, mas sim o espelho do que acontece. Kamel parece estar dando uma resposta a uma crítica da parte de Marilena Chauí de que a imprensa estaria deformando “a mensagem segundo seus interesses”.

Ao invés de começar o artigo respondendo a esse posicionamento, o autor o inicia deixando entrever que os que criticam a imprensa por expor os fatos são os que se sentem feridos em suas suscetibilidades. A partir de então, vai construindo seus argumentos ressaltando as características identitárias do jornalismo.

Após uma breve contextualização da questão a ser abordada – o fato de que a *imprensa* virou alvo de críticas – no primeiro parágrafo do texto, Kamel inicia o parágrafo seguinte com uma oração em que o verbo ‘ser’ está tematizado, seguido do adjetivo *comum*, modificado pelo advérbio *muito*.

Por estar iniciada pelo verbo ‘ser’, essa oração estabelece uma relação com o parágrafo anterior, de forma coesiva e referencial, pois refere-se ao conteúdo semântico do parágrafo anterior, a saber, a crítica à imprensa, estabelecendo, dessa forma, o foco em um objeto anafórico. O objeto anafórico é a informação contida no parágrafo anterior. Não há necessidade de repeti-lo, pois o uso do verbo é suficiente para o estabelecimento da relação semântica.

O autor selecionou o verbo ‘ser’ para expressar as características inerentes da imprensa, estabelecendo-as, dessa forma, como irrefutáveis. Em sua escolha pela tematização do verbo ‘ser’, o autor posiciona-se diante do exposto anteriormente, apresentando seu ponto de vista em uma argumentação que quer convocar o leitor a interagir, pois cria seus significados de forma opinativa.

O uso de tal estrutura tem como objetivo funcionar como uma síntese, um resumo da idéia apresentada no parágrafo anterior, como se fosse uma opinião do autor. Dessa forma, com essa elaboração argumentativa, Kamel objetiva efeitos pragmáticos, ou seja, o autor deseja mostrar ao leitor que a crítica que ora é feita à imprensa não é algo excepcional, mas um fato comum, e a construção desse significado é obtida através da tematização do verbo ‘ser’ mais o adjetivo comum.

A oração *É comum* pode ser considerada uma oração Relacional Atributiva, pois através do adjetivo *comum*, o autor designa um atributo ao que foi dito anteriormente, expressando um julgamento sobre a normatividade da questão.

Ideacionalmente, a oração é considerada uma oração Relacional Intensiva Atributiva com um Participante 1 – Portador, realizado pelo significado construído ao longo do parágrafo anterior), um Processo expresso pelo grupo verbal *é* e um Participante

2 – Atributo, expresso pelo grupo nominal *muito comum*. Isto é, o Atributo *muito comum* é conferido ao Portador – parágrafo anterior.

No segundo exemplo, a sentença (b) *É um processo contínuo, sem trégua, até o fechamento*, verifica-se uma oração que caracteriza os procedimentos que envolvem o trabalho jornalístico como sendo o de um processo que não tem intervalo. Ao tematizar o verbo ‘ser’, o autor relaciona as várias orações anteriores em um único significado, realizando uma coesão textual referencial, o que proporciona que o desenvolvimento do fluxo de eventos discursivos dê-se de forma evolutiva.

A leitura indica que Kamel, ao escolher tematizar o verbo ‘ser’, tenciona fazer com que o leitor chegue à conclusão de que o trabalho dos jornalistas, como exposto antes, não é um trabalho autoritário, mas um trabalho que merece elogios pelo que revela ser de tão intenso. Isto significa que o leitor é levado a elaborar as diversas informações anteriormente fornecidas a cerca de como ocorre o trabalho dos jornalistas – um trabalho que não se interrompe até que seja concluído – e a considerá-lo de outra forma e não com críticas.

Ele acrescenta a isso também a idéia de que se trata de um trabalho coletivo, a serviço do público, que dá oportunidade a todos e que, portanto, uma notícia que afeta de forma negativa a alguém não é algo pessoal e sim um trabalho profissional de espelhar os acontecimentos.

As informações, como as localizadas na oração (b) *É um processo contínuo, sem trégua, até o fechamento*, realizam-se como uma mensagem que pode ser trocada entre autor e leitor. Isso envolve relações no desenvolvimento do texto e a atribuição de *status* textual diferente, como a tematicidade, o valor da informação, a continuidade e o contraste de idéias. Essas relações e *status* capacitam a troca de informações: o autor guia o leitor para a interpretação do texto em desenvolvimento.

Em termos da base semântica ideacional, temos uma oração Relacional Intensiva Identificativa, constituída de um Participante 1, o Identificado, realizado pelo significado construído no parágrafo anterior – processo da construção da informação jornalística –, um Processo expresso pelo grupo verbal *é* e um Participante 2, o Identificador, realizado pelo grupo nominal *um processo contínuo*. Isso significa que o Identificado está sendo

singularizado ao ser identificado como um *processo contínuo* – uma construção que está em oposição aos processos não-contínuos.

Ao estabelecer a identificação da imprensa como um processo contínuo, relacionando as orações anteriores através da tematização do verbo ‘ser’, o autor faz com que ‘esse pedaço da linguagem’ seja ‘operacional’, funcionando como uma unidade no contexto de situação, constituindo um texto.

Isto significa que o autor utiliza-se da linguagem que é funcional no sentido de que ela está a serviço da argumentação a favor da imprensa para defender sua imparcialidade.

A oração (c) *Mas é a pura verdade* reforça a idéia acima exposta ao expressar a tentativa do autor de convencer o leitor de que o que disse anteriormente é verdadeiro. Ao apresentar os detalhes de como se dá o processo do trabalho jornalístico, o autor informa que uma das características das redações é a de não haver filtro ideológico. Como pensa que o seu leitor até aquele momento pode não estar convencido de seus argumentos, inicia o parágrafo seguinte dirigindo-se diretamente ao leitor, acrescentando a afirmação *Mas é a pura verdade*.

Essa oração, como a anterior, por estar iniciada pelo verbo ‘ser’ estabelece a relação com o anteriormente dito, mantendo o fluxo do desenvolvimento do discurso. A identificação do que foi dito com a oração seguinte mais uma vez revela o posicionamento do autor quanto aos fatos por ele expostos de forma argumentativa e persuasiva.

O autor iguala tudo que disse anteriormente à verdade e esse uso da linguagem é importante para o desenvolvimento argumentativo, uma vez que visa a convencer o leitor de que está sendo imparcial, está espelhando os fatos, dizendo a verdade.

Como pode-se observar, nesse exemplo, a coesão de um texto depende de um certo grau de redundância, na qual retomam-se as idéias e parte delas, utilizando-se de palavras já ditas, significados já construídos, expressões equivalentes etc., pois o potencial para a coesão reside nos recursos sistemáticos de referência.

Verifica-se, portanto, que há um processo relacional expresso pelo verbo ‘ser’ do tipo Intensivo Identificativo, onde o Participante 1, o Identificado é realizado pelas

informações fornecidas anteriormente, o Processo é expresso pelo grupo verbal *é* e o Participante 2, o Identificador, pelo grupo nominal *a pura verdade*.

Em resumo, P1, o Identificado, é identificado por P2, o Identificador. Embora a oração (c) inicie-se com a conjunção *mas*, o significado referencial se estabelece pela relação que o verbo ‘ser’, nessa oração, realiza com as orações anteriores.

A oração (d) *E será sempre o público a julgar* apresenta o verbo ‘ser’ no futuro do indicativo, em posição inicial. Essa oração refere-se ao significado construído nas três orações antecedentes a ela e realiza a coesão de significados. O desenvolvimento do texto dá-se pela opção de tal construção estrutural.

Kamel poderia ter escolhido uma outra organização estrutural, como por exemplo *O público será sempre aquele que julgará* ou ainda *O público julgará sempre*. No entanto, escolheu o verbo ‘ser’ e, ao posicioná-lo no início da oração, faz referência a sua afirmação de que tudo que a imprensa fizer de certo ou de errado será julgado pelo público.

Assim, o uso de um verbo, como no caso o verbo ‘ser’, cujas características estabelecem algo como permanente e não estável, é um recurso favorável e de grande utilidade na argumentação. Esse tipo de construção é a que origina os encadeamentos discursivos, ou seja, a progressão do discurso, através da relação estabelecida entre os parágrafos para fins de produção de um texto. É dessa forma também que se pode dizer que sempre há uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.

A organização temática selecionada pelos autores acima identifica um elemento como sendo exclusivo naquele ponto na oração. Essa construção mostra que o verbo ‘ser’ carrega a posição temática e também o foco da informação que se seguirá e exerce a função de coesão e referência discursiva.

Exemplo (5): Artigo 68 – “As brasas dormidas”, por Tereza Cruvinel, publicado no jornal *O Globo*. – 869 palavras – 7 ocorrências do verbo “ser”, sendo 2 na posição inicial da oração, para as quais apresento a descrição a seguir.

“Apressou-se e pode levar chumbo grosso na CPI dos Bingos, onde a oposição nada de braçada e os tucanos, com a ajuda do PFL, ameaçam investigar o caso Gamecorp

(a empresa do filho do presidente Lula que recebeu aporte de R\$ 5 milhões da Telemar), convocar seu irmão Vavá e investigar o uso de caixa dois na campanha presidencial e nas campanhas estaduais de 2002. (a) **É a luta política**, para a qual já se animam os petistas com a recuperação de Lula, e os tucanos com a pesquisa Ibope mostrando que Serra bateria Lula num segundo turno em 2006.

Mas para os que de fato desejam saber toda a verdade sobre o mundo escuro do financiamento de campanhas no Brasil e sobre a ação eleitoral de Marcos Valério, conhecer sua experiência inaugural pode ser importante. Pode ajudar inclusive os membros da CPI dos Correios a vencer o maior desafio, que é demonstrar a origem dos recursos do valerioduto.

Recapitulando: Cláudio Mourão foi secretário de administração no primeiro governo Azeredo. (b) **Foi ele quem indicou sua ex-funcionária Simonete Vasconcelos** para trabalhar com Valério na SMP&B. Como coordenador da campanha, recebeu do então candidato uma procuração para tomar as providências necessárias, relativas inclusive ao financiamento da campanha. E uma delas foi a tomada de um empréstimo junto ao Banco Rural, por Marcos Valério, no valor de R\$ 9,5 milhões.”

Análise

A oração (a) *É a luta política* apresenta o verbo ‘ser’ tematizado, no presente do indicativo. A tematização do verbo foi usada com a intenção de estabelecer uma relação com o anteriormente dito, ou seja, as informações contidas na oração anterior à oração (a) são identificadas como sendo *a luta política*. Vale ressaltar que a autora fornece várias informações na oração anterior e ainda quer identificá-las com sua opinião, a saber, a de que se trata *da luta política*.

A tematização do verbo ‘ser’ tornou possível retomar os fatos relatados e dar continuidade ao texto. Isto nos revela como a autora fez suas escolhas para a organização textual, pois a escolha dos temas das orações desempenha uma parte fundamental na forma como o discurso é organizado. A escolha da autora estabelece a coesão e a referência com o anteriormente dito de forma identitária, ou seja, a autora identifica os acontecimentos relatados e dá continuidade ao texto.

Em termos de construção do significado ideacional, na oração *É a luta política* temos um Participante 1, o Identificado realizado pelos significados construídos na oração anterior, um Processo expresso pelo grupo verbal *é* e o Participante 2, o Identificador, expresso pelo grupo nominal *a luta política*.

A partir do que Halliday (2004, p.579) ressalta sobre o fato de que o *status* temático atribuído aos componentes da mensagem pelos falantes “produz textos e ajuda seus ouvintes a interpretá-los”, retorno à oração (a). Quando a autora usa *É a luta política*, ela dá ao verbo ‘ser’, no caso em questão *É*, o *status* de Tema, tratando-o como uma síntese da informação que já foi dada e que é recuperável (identificável) por seus leitores. Por outro lado, ela dá ao grupo nominal *a luta política* um *status* de informação nova, portanto, não-recuperável.

Esse tipo de escolha realiza um sentido textual, pois é recuperável referencialmente, o que comprova como o tipo da oração Relacional Intensiva, tanto Identificativa quanto Atributiva, acomoda esse padrão neste tipo de texto, pelo uso do verbo ‘ser’ tematizado.

Na oração (b) *Foi ele quem indicou sua ex-funcionária Simonete Vasconcelos para trabalhar com Valério na SMP&B*, verifica-se que pós-posto ao verbo ‘ser’, que inicia a oração, está o pronome pessoal do caso reto *ele* que substitui a repetição do nome de Cláudio Mourão, mencionado na oração anterior, mas que não é imprescindível no contexto, pois se o omitíssemos, não haveria prejuízo do significado. Portanto, a opção de usar o pronome *ele* na oração teve por objetivo apenas dar ênfase ao sujeito em questão.

Isso vem corroborar a defesa de que o verbo ‘ser’ relaciona os significados construídos anteriormente e os transporta adiante no texto e, por estar flexionado na 3ª. pessoa do singular, estabelece a referência com a pessoa em questão – Cláudio Mourão. A tematização do verbo ‘ser’ não só estabelece claramente uma coesão textual, pois marca a continuidade entre uma parte do texto e a outra, como também cria pontos de contato com o que veio antes.

Ao fazer a ligação da oração (b) com a anterior, via uma relação de significados, ou melhor dizendo, via um par de orações ligadas por uma relação de significados, nossa atenção é dirigida para conhecermos mais informações sobre quem *ele* (que já sabemos ser o Cláudio Mourão) *foi*. A relação fica estabelecida e mantida pela projeção da atenção

do leitor anafórica e cataforicamente, através do verbo ‘ser’, pois só saberemos mais sobre quem Cláudio Mourão (ele) foi após seguirmos lendo a frase.

Isso significa que há relações de significados que revelam uma abordagem recursiva, como afirmam Mann & Thompson (1992, p.42) ao explicarem que os textos apresentam-se como pares de orações-irmãs. Mann & Thompson definem tal ocorrência como a que se estabelece entre duas orações se a anterior apresentar um objeto, isto é, se a anterior mencioná-lo e a subsequente apresentar um atributo ou uma identificação desse objeto. Essa ocorrência é o que estou chamando de relação coesiva e que estou atribuindo como função discursiva do verbo ‘ser’.

Já o que os autores definem como objeto não está claro no artigo referido, mas pode-se inferir que a relação tem uma interpretação muito ampla, a saber, permitir que duas orações sejam relacionadas sempre que elas referirem-se à mesma entidade.

Neste exemplo, a autora está identificando o participante *ele* (Cláudio Mourão) em termos de suas realizações no mundo escuro do financiamento de campanhas no Brasil e sobre a ação eleitoral de Marcos Valério. A escolha por posicionar o verbo ‘ser’ como o elemento inicial da oração cria uma convocação argumentativa, preparando o leitor para o que está por ser identificado, direcionando as expectativas dos leitores com relação ao que está sendo dito. A tematização do verbo ‘ser’ é o recurso para a organização dessa oração como uma mensagem, pois o verbo ‘ser’ está em destaque em um ponto exclusivo da oração, resultado da escolha no sistema de *Predicação de Tema*, o que indica que a oração (b) pode ser classificada como uma oração de *Tema Predicado*, uma vez que segundo Halliday (2004, p.95), “qualquer elemento que tenha uma função representacional na oração pode ser marcado pela predicação dessa forma”.

Tipicamente, a informação nova vem no final da mensagem. Para deixar claro de que é isso e nada mais o valor novo dessa unidade particular de informação, o autor tende a usar a forma predicada *Éque/quem*. Isto tem o efeito de criar uma estrutura local que tem a função adicional de direcionar o leitor para interpretar a estrutura que contém a informação na forma intencionada pelo autor, resultando em uma estrutura temática na oração como tema predicado.

Os constituintes referenciais em orações iniciadas pelo verbo ‘ser’ como os exemplos acima apresentam uma função dupla, ou seja, é o elemento pós-verbo ‘ser’ na

oração inicial e o antecedente para a oração subordinada. A oração subordinada tem o pronome da oração inicial como um tipo de co-referência pronominal. O papel desse tipo de estrutura é especificar, ou identificar.

Ao iniciar a oração pelo verbo ‘ser’, o autor chama a atenção para a relação entre Cláudio Mourão e Marcos Valério ao atribuir-lhe uma identificação de sua atuação na indicação da funcionária que foi trabalhar com Marcos Valério, identificação essa possível pelo uso do verbo ‘ser’. Dessa forma, essa oração é parte da oração anterior, com sua estrutura temática própria.

Ideacionalmente, temos uma oração constituída do Participante 1, o Identificado, expresso pelo grupo nominal *ele*, um Processo expresso pelo grupo verbal *foi* e o Participante 2, expresso pela oração adjetiva *quem indicou sua ex-funcionária Simonete Vasconcelos*. Segundo a GSF, essa oração pode ser classificada como uma oração Relacional Intensiva Identificativa. Em termos de mensagem, a oração (b) pode ser vista como a escolha no sistema de *Tema Predicado*, pois envolve uma combinação distinta de escolhas temáticas e informacionais. Essa oração compartilha algumas das características das *equativas temáticas*, a saber, os elementos da oração estão organizados em dois constituintes, ligados por uma relação de identidade, expressa por alguma forma do verbo ‘ser’.

A oração (b) apresenta detalhes adicionais sobre Cláudio Mourão – quem indicou sua ex-secretária para trabalhar para Valério, o qual nos é apresentado na oração anterior. Isso significa que reconhecemos a situação apresentada na oração (b) como fornecendo detalhes adicionais para a oração anterior. A relação estabelecida pela tematização do verbo ‘ser’ identifica o participante para o qual os detalhes são fornecidos. Dessa forma, o elemento inicial – *foi* - funciona como modelador do que está por vir e forma expectativas nesse sentido. Se essas expectativas não forem correspondidas, o leitor será forçado a revisar a expectativa anterior ou rejeitar a construção inteira, sendo, portanto, esse tipo de estrutura fortemente coesiva e contribuinte para a coerência textual a que me referi antes.

Vale ressaltar que a autora inicia o parágrafo anterior dizendo que irá relatar toda a verdade para aqueles que a desejam saber, estabelecendo, dessa forma, o contexto em que se insere tal afirmação. No parágrafo seguinte, começa com a palavra *Recapitulando*,

partindo para a identificação de Cláudio Mourão. Ao fazer isso, a autora mostra uma preocupação em fundamentar bem seus argumentos.

A tematização do verbo ‘ser’ contribui para o objetivo da autora de alcançar um efeito único, que é o de manter no processo semântico algumas entidades ou traços relevantes do argumento de um momento para o outro, enquanto os significados desenvolvem-se. Neste exemplo específico, o verbo ‘ser’ direciona a atenção do leitor para interpretar a estrutura informacional da forma pretendida pela autora, ou seja, a de indentificar Cláudio Mourão, por meio de tornar explícito o processo ‘ser’ – *foi*. O conhecimento que o leitor adquiriu anteriormente contribui para que se torne ciente de fatos adicionais, como o de Cláudio Mourão ter indicado sua ex-secretária para trabalhar com Valério.

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que a organização temática dessa oração é um fator significativo no desenvolvimento do texto. A análise da estrutura organizacional revela o que a autora quis marcar como a natureza de suas intenções subjacentes, ou seja, identificar Cláudio Mourão associando-o a sua atuação na questão abordada. O uso desse tipo de construção possibilita a interação dialógica de forma contínua, através da referência anafórica estabelecida pelo verbo ‘ser’ que, por sua vez, também proporciona novas produções.

Vale ressaltar que as escolhas temáticas de um texto não ocorrem no vácuo, mas num contexto específico em que o texto desempenha uma determinada tarefa comunicativa, pois segundo Halliday (1994, p.61), “a contribuição importante vem da estrutura temática das orações independentes”.

Em português, esta sentença é, em geral, uma opção bi-oracional sintática que forma uma unidade semântica. Uma abordagem abrangente desse tipo de construção necessita também levar em conta a forma como construções como essa exploram o verbo ‘ser’ e sua relação com a oração posposta. A abordagem sobre a posição inicial do processo, no caso o verbo ‘ser’ – processo relacional –, foca na natureza do verbo e trata a oração posposta como relacionada ao pronome ou como modificando o pronome ou nome que a antecede, no caso o pronome *ele*. Juntas, as duas orações formam uma unidade semântica e o constituinte que precede a oração posposta, no caso o pronome pessoal *ele*, é identificado, ou igualado a essa unidade, através do uso do verbo ‘ser’.

A estrutura bi-oracional apresenta uma organização oracional sintática com o verbo ‘ser’ na oração principal, expressando exclusividade. Por exemplo, *Foi ele e ninguém mais quem indicou sua ex-funcionária Simonete Vasconcelos*, ou seja, *Ele indicou sua ex-funcionária Simonete Vasconcelos e ninguém mais*. A oração posposta à principal é referencial, pois cria um significado pragmático que inclui a existência no discurso de um referente para o qual é fornecida uma identidade. A escolha de iniciar tal construção com o verbo ‘ser’ vem também estabelecer com o leitor uma interação, deixando o papel semântico para o constituinte antecedente à oração posposta preencher. Este papel é referencial no sentido de que ele expressa a existência de alguém que indicou Simonete Vasconcelos.

Pode-se dizer que a oração posposta é informativa, pois informa que alguém existe e que fez algo exclusivo naquele contexto, constituindo uma expressão referencial. A oração posposta serve para identificar e adicionar informações sobre o referente. Isto explica por que o constituinte antecedente da oração posposta é interpretado como existindo.

O padrão estrutural desse tipo de construção apresenta um elemento que tem uma função representacional na oração, no caso um processo – processo relacional. A unidade de informação serve para estruturar o texto em dois componentes, de acordo com o status que o autor deseja que o leitor concorde como informação e para a qual o autor deseja direcionar a atenção do leitor. Uma parte são as novidades: o que o leitor está sendo convidado a perceber como novo, ou inesperado, ou importante. A outra parte são as coisas já conhecidas: o que está representado como já sendo conhecido pelo leitor.

O verbo ‘ser’ está de forma sintática diretamente relacionado com a oração restritiva e também de forma semântica e pragmática diretamente relacionado com o pronome *ele*. Em termos sintáticos, a oração restritiva é uma oração complementar, cujo verbo *indicar* atribui um papel semântico ao elemento compartilhado *ele*. A oração é uma combinação de duas relações semânticas associadas com as duas construções que compõem a sentença. O verbo ‘ser’ estabelece a relação semântica entre as duas construções, assim como a relação com os significados construídos anteriormente.

Exemplo (6): Artigo 45 – “Só crescendo mais”, por George Vidor, publicado no jornal *O Globo* – 929 palavras – Embora este artigo apresente apenas 1 ocorrência do verbo “ser” na posição inicial num total de 13 ocorrências, o artigo foi selecionado por apresentar uma construção diferente das analisadas até então, representando mais uma contribuição para a análise.

“A geração de empregos com carteira assinada só começa a ser expressiva no Brasil quando o crescimento econômico passa de 3,5% ao ano (e a renda média dos brasileiros evolui pelo menos 2,5%). (a) **É o que mostram as estatísticas do IBGE e do Ministério do Trabalho** desde que o país conseguiu domar a inflação.

Análise

A oração (a) em destaque inicia-se com o verbo ‘ser’ seguido de pronome demonstrativo na função de objeto do verbo *mostrar*. O autor poderia ter escolhido um ponto de partida diferente, a ordem canônica, mas consciente ou inconscientemente escolheu tematizar o verbo ‘ser’. Caso tivesse optado pela ordem canônica, a oração poderia ter sido elaborada da seguinte forma: *As estatísticas do IBGE mostram aquilo* [o dito na oração anterior].

Porém, ao optar pela construção iniciada pelo verbo ‘ser’, o autor enfoca o objeto do verbo *mostrar*, verbo da oração subordinada, tematiza o processo, o qual estabelece a relação com o parágrafo anterior, e dá continuidade ao fluxo de desenvolvimento do texto, de forma coesiva e coerente.

Quando faço referência ao conceito de fluxo do discurso, baseio-me no fato de que o verbo ‘ser’ tematizado cria relações semânticas coesivas e referenciais. Os diferentes padrões de escolha do que pode vir antes é um recurso textual de construção de significados através dos quais a escolha pode ser manipulada e explorada, consciente ou inconscientemente, pelo autor do texto para produzir seu ponto de vista.

A escolha pelo verbo ‘ser’ como iniciador da oração, ajuda a organizar a mensagem e desempenha um papel importante no fluxo do discurso. Essa escolha também ajuda a construir a interpretação da oração e do texto pretendida, contribuindo

para a construção dos significados, para a organização das idéias em um texto e para a interpretação da mensagem pelo leitor.

A escolha com relação ao que tematizar é feita com referência ao que foi dito e ao que aconteceu antes. Esse ambiente cria as condições para que a tematização do verbo ‘ser’ ocorra. No conjunto de condições contextuais, o autor pode explorar esse potencial que a linguagem oferece, usando estruturas temáticas como as produzidas para construir as variedades de efeitos retóricos desejados. Esse tipo de construção identifica apenas um elemento como sendo exclusivo naquele ponto da oração, no caso o verbo ‘ser’.

As orações com objetos clíticos pré-verbais (deslocados à esquerda), em geral, mostram uma função conectiva do verbo ‘ser’, desempenhando uma função introdutória do referente do sujeito pós-verbal na posição final da oração.

A oração (a) *É o que mostram as estatísticas do IBGE e do Ministério do Trabalho desde que o país conseguiu domar a inflação* apresenta um Participante 1, o Identificado realizado pela oração anterior, um Processo expresso pelo grupo verbal *é* e um Participante 2, o Identificador expresso pela oração *o que mostram as estatísticas do IBGE e do Ministério do Trabalho desde que o país conseguiu domar a inflação*.

Exemplo (7): Artigo 32 – “Nova ofensiva da Receita”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* – Editorial – 663 palavras – 8 ocorrências do verbo “ser”, sendo 1 na posição inicial da oração.

“As cinco mais importantes entidades representativas de firmas de serviços contábeis e de escritórios de assessoria e perícia fiscal do País divulgaram uma contundente nota de protesto contra a mais nova ofensiva da Receita Federal para saciar seu insaciável apetite fiscal. Trata-se do envio, pelo correio, de autos de infração para 75 mil empresas de pequeno, médio e grande portes. Como foram autuadas sem aviso prévio, diz a nota, elas não puderam se defender, o que viola os princípios do devido processo legal e da ampla defesa consagrados pela Constituição.

[...]

“(a) É a prepotência autoritária dos métodos empregados para isso o objeto da nota de protesto das entidades representativas dos escritórios de contabilidade.

Na autuação indiscriminada de 75 mil empresas, afirma a nota, parte do montante cobrado se refere a valores já liquidados em pagamento de outros autos de infração.”

Análise

Neste exemplo, o autor escolheu inverter a direção canônica para chamar a atenção para o que considera importante e novo para o leitor. Podemos entender melhor por que o autor utilizou a possibilidade de tematizar o verbo ‘ser’ se re-escrevermos a oração de forma que o verbo não seja tematizado: *O objeto da nota de protesto das entidades representativas dos escritórios de contabilidade é a prepotência autoritária dos métodos empregados para isso*. Essa construção canônica apresenta algo que já foi mencionado no início do artigo e que não chamaria a atenção do leitor. Além disso, considero que essa escolha pela construção canônica interrompe a coesão e o fluxo do desenvolvimento dos significados textuais.

A abordagem acima ilustra a idéia de Halliday (1994: 36; 2004:64) de considerar a oração um evento comunicativo, que se estrutura em torno de uma questão para construir uma mensagem. O tema, constituinte inicial da oração ou da sentença, é algum item gramatical (sujeito, verbo, complemento ou adjunto) tomado como ponto de referência do enunciado.

A forma determinada sobre os métodos empregados para a arrecadação de impostos, ou seja, o fato de as empresas terem sido autuadas sem aviso prévio, o que viola os princípios do devido processo legal e da ampla defesa consagrados pela Constituição, é a questão identificada no texto como uma prepotência autoritária da Receita. É esse o significado que o autor deseja construir e convencer o leitor a concordar com ele, isto é, o de que se trata de uma prepotência autoritária o que a Receita está fazendo com os contribuintes.

O que ocorre no texto em questão é que a nota de protesto é mencionada no final da oração que inicia o artigo e retomada, alguns parágrafos após, por uma oração iniciada pelo verbo ‘ser’, o qual realiza uma relação semântica referencial e coesiva. Nos parágrafos intermediários, são relatados detalhes dos passos da autuação da Receita. Portanto, essa escolha temática revela aquilo em que o autor está realmente interessado

ou sobre o que deseja falar, e isso está intimamente relacionado com o canal e o papel da linguagem no evento da comunicação.

Ideacionalmente, os significados construídos nessa oração estão expressos da seguinte forma: um Participante 1, o Identificador, expresso pelo grupo nominal *a prepotência autoritária dos métodos empregados para isso*, um Processo, expresso pelo grupo verbal *é* e um Participante 2, o Identificado, expresso pelo grupo nominal *o objeto da nota de protesto das entidades representativas dos escritórios de contabilidade*. Trata-se de uma oração Relacional Intensiva Identificativa.

Cabe mencionar ainda que os dados revelaram também haver um ponto no qual as escolhas temáticas analisadas manifestam uma atitude pessoal subjacente ao comentário e atribuem maior valor de verdade aos enunciados. É o caso verificado em alguns artigos, entre eles o Artigo 22 – “O norte é o nosso interesse nacional”, por Rubens Barbosa², publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* – 901 palavras – 12 ocorrências do verbo ‘ser’, sendo 2 na posição inicial.

Exemplo (8):

“No campo econômico, os propósitos da Csan incluem o avanço e consolidação do processo de convergência rumo ao estabelecimento de uma zona de livre comércio sul-americana, com vista ao seu aperfeiçoamento, assim como a promoção do crescimento econômico e a redução das assimetrias, quando possível, mediante a complementação das economias dos países da América do Sul.

A grande questão é saber como fazer avançar concretamente essas nobres intenções. (a) **É bom recordar que os países andinos, Colômbia, Equador e Peru estão mais interessados em negociar um acordo de livre comércio com os EUA do que em se integrar com o Brasil.**

[...]

Talvez fosse mais conveniente, segundo nosso interesse, utilizar esses recursos, no contexto da Comunidade de Nações, para a criação do Banco de Desenvolvimento da América do sul. (b) **É preciso fazer política de sua geografia**, como dizia De Gaulle.

² Rubens Barbosa é consultor, presidente do Conselho Superior de Comércio Exterior da Fiesp. Foi embaixador do Brasil nos EUA e na Grã-Bretanha.

Análise

A tematização do verbo ‘ser’, juntamente com os itens lexicais os adjetivos *bom* e *preciso*, formando a estrutura *É bom* e *É preciso*, revelam temas avaliativos ou comentários tematizados com diferentes significados ideacionais. Em geral, a escolha temática serve para orientar o leitor, mantendo sua atenção nos argumentos expostos pelo autor. Portanto, o comentário tematizado ocorre em ponto de transição chave no texto, ou seja, a tematização do comentário é um recurso que permite ao autor chamar a atenção de seu leitor para o valor ou a validade do que está prestes a dizer, e é por isso que “a organização temática das orações é o fator mais significativo no desenvolvimento do texto” (Halliday, 2004:105). A partir da observação do que foi tematizado podemos inferir o que o autor quis tornar claro para nós sobre a natureza de seus interesses.

No exemplo (a) e (b), verifica-se que Rubens Barbosa interrompe o que vem relatando, a saber, como avançar para a consolidação de um acordo de livre comércio sul-americano, para fazer lembrar ao leitor que os países andinos têm mais interesse em um acordo com os EUA do que com o Brasil. A interrupção para introduzir esse comentário é importante para que o leitor mantenha em mente que o Brasil pode ficar de fora desse acordo e passe a concordar com os argumentos do autor em defesa da inclusão dos interesses do Brasil no acordo. Já no exemplo (b), o autor emite uma opinião que é uma sugestão de que o Brasil amplie seus horizontes. Essa é uma das formas de usarmos a linguagem, a saber, a de tomar uma posição ou de comentarmos sobre algo, orientando-nos socialmente.

Uma outra ocorrência do verbo ‘ser’ tematizado em que se verifica uma avaliação usada através da escolha de uma construção encaixada, pode ser constatada no exemplo abaixo:

Exemplo (9): Artigo 13 – “Para além da crise”, por Fernando Henrique Cardoso, publicado no jornal *O Estado de S.Paulo* – 1122 palavras – 22 ocorrências do verbo “ser”, sendo 7 ocorrências na posição inicial da oração e 2 ocorrências seguidas de adjetivo.

“Não era útil governar a Itália, assim como, no nosso caso, a inação do governo e do Congresso terá repercussões. (a) **[É verdade que a excepcional conjuntura econômica internacional impulsiona as exportações e o crescimento da economia.]**

[...]

O mercado, no entanto, não resolve os problemas coletivos, da sociedade e das pessoas, nem a desigualdade. (b) **[É preciso fortalecer outras instituições, do Estado e da sociedade civil, que se possam contrapor ou complementar a lógica implacável dos mercados.]”**

Análise

As sentenças entre colchetes apresentam uma estrutura bi-oracional que integra a estrutura sintática, a semântica e a informação que vinculam. Verifica-se em tais construções que, embora apresentem uma função pragmática e semântica semelhante a outras sentenças realizadas com o verbo ‘ser’, a forma de tais construções é significativamente distinta: no primeiro caso, há uma oração subordinada substantiva subjetiva – *a excepcional conjuntura econômica internacional impulsiona as exportações e o crescimento da economia*; e, no segundo caso, há uma oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo – *fortalecer outras instituições*.

Ao fazer uso do verbo ‘ser’ tematizado seguido de um adjetivo, o autor tenta convencer pelos seus enunciados; não é ele quem diz, mas os fatos, cuja veracidade é irrefutável.

A tematização do verbo ‘ser’ seguido de um adjetivo chamou à atenção pela expressiva ocorrência não só em diferentes textos como a ocorrência repetidas vezes em um só texto. Tal forma de construção envolve a separação da informação em duas partes. Na gramática tradicional do português, são classificadas como orações principais – as orações que se iniciam pelo verbo ‘ser’ na 3ª pessoa do singular seguido de algum adjetivo – e como orações subordinadas substantivas subjetivas – as que se seguem às principais iniciadas pela conjunção *que* ou quando reduzidas de infinitivo, gerúndio ou particípio.

A partir do acima exposto, percebe-se que o discurso é socialmente construído e que o *status* e as relações são refletidas na linguagem. O texto escrito pode ser muito

influyente na determinação da identidade social e nas relações entre o autor e o leitor. O leitor reagirá ou não à identidade construída pelo autor.

No exemplo a seguir, o tipo de estrutura que se apresenta como comentário tematizado permite que o autor possa avaliar algo de forma incisiva, em geral “em contraste com uma outra coisa que tenha sido dita” (Lock1996, p.239), chamando sua atenção para o leitor, como por exemplo: *É, de fato, importante construir uma estratégia de oportunidades, porém é preciso fazê-lo no contexto de um projeto de visão estratégica do futuro cuja consistência seja a medida do retorno social obtido em qualidade de vida, a ocupação de um espaço internacional compatível com o potencial agrícola brasileiro e, por fim, o fortalecimento do agronegócio e de suas numerosas conexões com o processo de desenvolvimento do País como um todo.* O contexto que precede esse exemplo é o seguinte:

Exemplo (10): Artigo 4 – “Agronegócio e desenvolvimento”, por José Tadeu, Jorge³, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* – 874 palavras – 18 ocorrências do verbo “ser”, sendo 3 ocorrências tematizadas, das quais duas serão descritas abaixo.

“Voltando ao tema das reformas, apesar da atmosfera positiva que cerca uma das áreas mais sadias do governo, a da agricultura, creio que se trata de reformar, sobretudo, certas concepções ultrapassadas que dificultem as ações políticas do agronegócio, como a ênfase do imediatismo e uma excessiva preocupação com o próprio quintal. (a) **É, de fato, importante [[construir uma estratégia de oportunidades]],** porém (b) **é preciso [[fazê-lo no contexto de um projeto de visão estratégica do futuro cuja consistência seja a medida do retorno social obtido em qualidade de vida, a ocupação de um espaço internacional compatível com o potencial agrícola brasileiro]]** e, por fim, o fortalecimento do agronegócio e de suas numerosas conexões com o processo de desenvolvimento do País como um todo”.

³ José Tadeu Jorge, engenheiro de Alimentos, é reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicam).

Análise

Neste exemplo, a oração iniciada pelo verbo ‘ser’ está ligada à oração iniciada pelo verbo ‘construir’ por meio de uma relação lógico-semântica que Halliday classifica como ‘encaixamento’, formando um complexo oracional (Halliday, 2004, p.154-157), o qual faz parte da seqüência semântica de figuras realizada pelos demais complexos oracionais do texto.

Ao ser construído dessa forma, o complexo oracional sob análise revela não somente a importância de se *construir uma estratégia de oportunidades*, para a reforma de concepções ultrapassadas, mas também a tentativa do autor de estabelecer a necessidade e, portanto, sua importância no contexto dos eventos do texto.

Por exemplo, o fluxo de eventos construídos neste artigo é realizado pelo julgamento do autor quanto à importância de serem construídas estratégias de oportunidades. Para tal, o autor escreve em primeira pessoa, lançando mão de escolhas léxico-gramaticais do tipo do verbo ‘crer’, usando *creio*. Em seguida, faz uso de complexos oracionais em que tematiza o verbo ‘ser’.

Ao tematizar o verbo ‘ser’ seguido de um adjetivo de grau de valor – *importante* – a força avaliativa de *importante* carrega um significado ideacional de relevância e de julgamento social que o autor pretende colocar em foco ou enfatizar para chamar a atenção de seu leitor para o que irá dizer depois, ou seja, aquele fato que é significativo para a sociedade, o de oportunizar ações na área da agricultura que revertam em benefício não só para o agricultor, mas também para a agricultura como um todo no Brasil.

Vale lembrar que a escolha entre algumas das formas lingüísticas em detrimento de outras apresenta-se como o fato que sempre determina a função para a qual aquelas formas lingüísticas estão a serviço, as funções que a linguagem deve servir na sociedade.

Dessa forma, o autor selecionou o verbo ‘ser’ na posição temática e adiou a oração nominal que expressa o sujeito para o final do complexo oracional, isto é, adiou uma parte importante da mensagem para dar proeminência a ela. Há, portanto, uma transferência da dimensão esperada para o final, como uma forma de controle e transmissão da mensagem e há uma proeminência temática no início da oração.

Aqui as orações estão relacionadas estruturalmente pela gramática; a ligação estrutural é marcada pela forma infinitiva do verbo ‘construir’. Essa estruturação ilustra

os recursos do complexo oracional usados para ‘coreografar’ o desenvolvimento retórico do texto (Halliday, 2004, p.363-365). Isto significa que há um grau de integração e interdependência gramatical na realização do encaixamento, que relaciona os elementos em uma estrutura que pode ser caracterizada como segmental a partir de um ponto de vista, mas persuasiva a partir de outro ponto de vista.

Em termos do significado metafuncional, o complexo oracional está organizado pelo modo lógico da metafunção ideacional. O Tema [*É, de fato, importante*] e seu significado ideacional são a entrada para uma transferência da dimensão esperada de significação à avaliação real da normatividade. Há claramente uma escolha envolvendo a determinação da sequência e essa escolha é temática. Aqui, verifica-se também uma carga interpessoal⁴ pelo uso do complemento que expressa modalidade/comentário: *É importante*.

Em termos de nível, o complexo oracional está localizado no nível mais alto da gramática – nível oracional – e relacionado à oração em termos de constituinte oracional. Há uma escolha aqui em detrimento de outras; o autor poderia ter escolhido a oração a seguir dentro de outras possibilidades: *Construir uma estratégia de oportunidades é, de fato, importante*. Mas a inversão expressa o ponto de vista do autor, que o coloca em primeiro plano de uma forma determinante.

Em termos de uma análise léxico-gramatical, a oração *construir uma estratégia de oportunidades* pode ser considerada uma oração atributiva com um Atributo avaliativo *importante*. O processo atributivo é realizado na forma do verbo ‘ser’. A segunda expansão encaixada [*fazê-lo no contexto de um projeto de visão estratégica do futuro ...*] pode ser classificada como Portador do Atributo avaliativo. Temos uma oração de processo Relacional Intensivo Atributivo. O grupo oracional inicia-se com o verbo ‘ser’ seguido do adjetivo ‘preciso’ que pode ser considerado um Atributo Avaliativo. A oração encaixada é o Portador de tal Atributo.

A característica de combinar as orações em complexos oracionais resulta em um efeito de integração mais intensa de significado, ou seja, há uma construção de subseqüências na seqüência total dos eventos que compõem o texto. Por exemplo, a escolha

⁴ Embora haja uma menção à metafunção interpessoal em algumas passagens desta análise, foge ao escopo da tese um enfoque mais específico de tal metafunção.

de um complexo oracional em que o autor privilegia colocar em primeiro plano [*É, de fato, importante*] e [*é preciso*] demonstra uma integração maior dos significados que deseja construir, a saber a expressão de seu ponto de vista com relação ao assunto tratado.

O parágrafo é realizado por uma série de outros complexos oracionais que também expressam o ponto de vista do autor, o qual começa fazendo uma retomada de experiências passadas, com o uso do verbo ‘crer’, já mencionado antes. A tematização do verbo ‘ser’ é usada para enfatizar algo que o autor quer que o seu leitor mantenha em mente e verifique a seguir em que consiste a opinião dele, o que parece ilustrar a idéia de Lemke (1988, p.2) de que a linguagem nos fornece os recursos para que as proposições possam ser posicionadas “em um espaço semântico multi-dimensional”. É dessa forma que o autor expressa sua opinião para o leitor.

Esse tipo de construção realiza claramente o tipo de significado – significado ideacional temático – no qual o autor dá ao leitor uma avaliação de um evento que é realizado na oração – um comentário tematizado. O comentário tematizado permite que o autor inclua um comentário pessoal ou um ponto de vista na posição inicial.

O autor escolheu expressar seu ponto de vista de uma forma que pudesse parecer ser mais objetiva e factual. Em outras palavras, os fatos são uma forma de indicar para o leitor que está havendo uma ordenação e interpretação dos dados. Essa escolha sugere uma opção para apresentar algo como já decidido.

Esse tipo de comentário tematizado – *É preciso* e *É importante* – ilustra a noção de modulação afirmada por Halliday, onde alguma forma de obrigação ou inclinação é encaixada na oração projetada (Halliday, 1994, p.354-357:). A obrigação ou inclinação expressa nesse exemplo representa, de uma forma ou de outra, uma decisão. A oração declara que algo necessita de ação – *É preciso* – de uma forma subjetiva, a qual é declarada a partir da perspectiva do autor, através dessas escolhas lingüísticas.

Exemplo (11): Artigo 15 – “Atrasado e suspeito”, publicado no jornal *O Estado de S.Paulo* – Editorial – 1993 palavras – 15 ocorrências do verbo “ser”, sendo 6 ocorrências na posição inicial da oração, das quais apenas 1 será descrita aqui.

“O plano, conforme declarou a ministra ao jornal *Valor*, contém obras que deverão ser inauguradas ou estar em avançado estágio de execução até o fim do mandato do presidente Lula, em dezembro de 2006. (a) **É possível [[que uma ou outra dessas obras registre algum avanço até lá]]**, mas as mais importantes delas, se tiverem saído do papel, quando muito estarão ainda nos prolegômenos.”

Análise

Neste exemplo, há uma expressão lingüística resultante da conjunção semântica de duas orações, combinadas pelo recurso gramatical de combinação oracional denominado complexo oracional de ‘encaixamento’. Esse complexo é aqui analisado como sendo composto de uma oração iniciada pelo verbo ‘ser’, seguido do adjetivo ‘possível’, o qual pode ser considerado como um epíteto avaliativo⁵.

A oração encaixada representa uma possibilidade *irrealis*⁶ (Halliday, 2004, p.425). O item lexical ‘possível’ atribui à oração encaixada uma possibilidade. Pode-se dizer que *possível* é o Atributo da oração encaixada *que uma ou outra dessas obras registre algum avanço até lá*, e esta o Portador de tal Atributo.

Com relação às dimensões avaliativas, estas poderiam ser elaboradas em um conjunto maior de epítetos avaliativos semanticamente relacionados. Por exemplo, o item lexical *possível* traz a dimensão da possibilidade, o *importante*, o da significação etc. Essa análise também revela uma relação entre a semântica das avaliações proposicionais e a análise de *modalidade* na oração.

A escolha por tal estrutura convida o leitor a participar no processo argumentativo. Portanto, a análise de comentários tematizados é importante para a compreensão do ponto de vista do autor em um texto e para a comprovação do uso de determinadas escolhas como recurso de argumentação e persuasão.

O exemplo abaixo chamou a atenção pela quantidade expressiva de comentários tematizados e que, portanto, pode reforçar a hipótese de que esse tipo de construção é usada para a expressão do ponto de vista do autor em artigos desta natureza. Trata-se do

⁵ Para a GSF, “o epíteto indica alguma qualidade ao subconjunto. Isso pode ser uma propriedade objetiva da coisa em si; ou pode ser uma expressão da atitude subjetiva do falante com relação a ela” (Halliday, 2004, p.318).

⁶ Processos *irrealis* são os que não aconteceram e não estão acontecendo agora. Isso inclui expectativas do futuro, declarações de obrigação, negações etc.

Artigo 67 – “O fracasso do favela-bairro”, por Ali Kamel, publicado no jornal *O Globo*. – 944 palavras – 25 ocorrências do verbo ‘ser’, sendo 11 ocorrências na posição inicial da oração.

Exemplo (12):

“A solução não será fácil. (a) **É preciso [[investir recursos]]** de modo que bairros populares dignos sejam construídos com infra-estrutura de saneamento, com escolas, com hospitais e, fundamentalmente, com transporte rápido e barato. O que importa não é a distância em quilômetros dos centros de trabalho, mas a distância em minutos.

.....

No Rio, há terrenos fartos e com boa estrutura ao longo de 40 quilômetros da Avenida Brasil e na Zona Portuária. Tais áreas já são servidas por trens, que, hoje, têm serviços melhores e grande capacidade ociosa. (b) **É preciso [[construir bairros populares ali]]**, que fujam do estigma dos conjuntos habitacionais de antigamente, cuja monotonia arquitetônica transformava tudo em depósito de gente. (c) **É preciso [[criar bairros]]** com cara de bairros, com prédios e casas diferentes, que tenham vida. (d) **É preciso [[investir na melhoria do transporte já existente]]** e criar novos.

.....

(d) **É preciso [[encontrar soluções]]**, não paliativos. (e) **É preciso [[que a sociedade se indigne com a paisagem]]**, com a vida que leva uma multidão de contrerrâneos e se decida a mudar o quadro. Sem aceitar culpa de quem deveria se sentir culpado.”

Análise

Nas gramáticas tradicionais, esse tipo de estrutura é classificada como um período composto por uma oração principal – *É preciso* – e uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo – *investir recursos; construir bairros populares ali; criar bairros; investir na melhoria do transporte já existente; encontrar soluções; que a sociedade se indigne com a paisagem* – estas na função de sujeito da oração principal. Essa estrutura tem sistematicamente o sujeito pós-posto ao verbo e é utilizada com certa frequência.

O autor poderia ter escolhido usar outros recursos para representar a mesma informação, mas nesse exemplo, ele escolheu começar a mensagem com o verbo ‘ser’ seguido de um adjetivo, o que expressa um grau de modalidade objetiva, pois revelam explicitamente o ponto de vista do autor – *É preciso*.

O uso do comentário tematizado expressa um significado de conselho verificado no desenvolvimento do texto que demonstra que o autor acredita que, ao desempenhar a ação recomendada, os moradores das favelas terão uma vida digna. O autor é, portanto, o conselheiro e o leitor o aconselhado e beneficiário. O autor poderia ter escolhido dar o conselho de forma implícita, tornando explícitos apenas os fatores sociais.

Em português, a expressão *É preciso* tem uma implicação maior de urgência no conselho. O não atendimento ao sugerido pode resultar em danos para a sociedade ou para os moradores das favelas.

Em termos pragmáticos, a linguagem fornece diversos mecanismos para a expressão da importância da ação no conselho. Verifica-se que há um *contínuum* que vai da importância média à mais alta. O autor selecionou esse tipo de construção em detrimento de outras disponíveis. Ele poderia ter escolhido uma nominalização do processo na posição de Sujeito, como por exemplo: *O investimento de recursos de modo que bairros populares dignos sejam construídos com infra-estrutura de saneamento, com escolhas, com hospitais e, fundamentalmente, com transporte rápido e barato é preciso*. No entanto, essa construção é pouco comum.

Caso a opção tivesse sido essa, a importância da ação no conselho se perderia, uma vez que o sujeito é demasiadamente extenso, razão adicional para ser deslocado para a posição final na oração. Um outro ponto a ser ressaltado é o fato de que é a ação que é importante.

A natureza do conselho, o benefício da ação para a sociedade e para os moradores das favelas e a importância da ação podem todos ser considerados como certos, permitindo ao leitor focar nas ações a serem realizadas. O que é importante é a especificação e a obrigatoriedade da ação. O uso de um adjetivo como *preciso* permite ao autor ser mais explícito com relação ao tipo de obrigação: a necessidade de que determinadas ações sejam tomadas.

Vemos neste exemplo que o grupo oracional *É preciso* seguido das orações reduzidas de infinitivo (a),(b),(c),(d) e (e) apresenta uma oração encaixada que pode ser considerada como Intensiva Atributiva de processo relacional. A oração encaixada representa um fato ou proposição e pode-se dizer que se trata do Portador do Atributo ‘preciso’.

No nível semântico, a escolha de uma oração iniciada pelo verbo ‘ser’ seguida do atributo *preciso*, epíteto que nos informa que algo é necessário, indica uma avaliação típica dos editoriais e artigos jornalísticos. Essa avaliação demonstra que o autor posiciona-se, apresentando sua opinião com relação ao que vem depois.

A forma de tematizar o verbo ‘ser’ é para chamar a atenção do leitor para o que vem depois como algo com que o autor espera que seu leitor concorde. Há uma variedade de outras possibilidades de escolhas lingüísticas que o autor poderia ter selecionado para construir esse significado, mas parece que o autor desejou colocar a responsabilidade modal, em parte se não totalmente, no epíteto avaliativo – *preciso*.

No nível léxico-gramatical, a escolha do adjetivo *preciso* demonstra a avaliação de seu autor quanto à proposição que virá a seguir. Os meios léxico-gramaticais e os mecanismos discursivos para a expressão dessa avaliação foram a escolha do adjetivo *preciso* e a tematização do verbo ‘ser’, os quais conectados ao texto direcionam o leitor ao desenvolvimento das idéias apresentadas, em termos argumentativos.

Nessa perspectiva, ao usar o comentário tematizado, o autor escolheu usar esse recurso, e não qualquer outro, com o objetivo de expressar o seu ponto de vista.

Como mencionei nos exemplos acima, as orações de *Tema Predicado* e as *Equativas Temáticas* apresentam semelhanças e diferenças. Quanto ao *Tema Predicado*, apresentei um exemplo o (12) para ilustração, no a seguir, exemplo (13), verifiquei uma oração que em português apresenta a estrutura *O que...* seguida do verbo ‘ser’.

Apresento essa ocorrência observada no *corpus* que chamou a atenção por sua estrutura diferenciada, por envolver uma nominalização que transforma um processo não-identificativo em um processo identificativo e, portanto, apresenta características semelhantes às orações classificadas como *Equativas Temáticas*.

Exemplo (13): Artigo 68 – “As brasas dormidas”, por Tereza Cruvinel, publicado no jornal *O Globo* – 1.122 palavras - 23 ocorrências do verbo ‘ser’, sendo que apenas 1 foi selecionada para os propósitos de análise que expliquei nos dois parágrafos anteriores.

“A crise estava se dissipando, PT e governo vinham até recuperando a desenvoltura. As chamas, entretanto, podem subir novamente a partir de quarta-feira, sopradas pelo PT ao aprovar a convocação de Cláudio Mourão, o tesoureiro da campanha do senador tucano Eduardo Azeredo ao governo de Minas, em 1998. A vingança tucana está vindo a galope.

Erros dos outros não desculпам o PT, não justificam a ambição de poder de seus dirigentes, a montagem do valerioduto ou o suborno a aliados, para financiar campanhas ou garantir votos na Câmara. **[O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações] [é mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto]**, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”.

Análise

A primeira oração corresponde a uma construção enfática cujo foco se extrai do predicado da oração *o PT busca mostrar é sua invenção do valerioduto e mostrar que fez o que sistematicamente se faz*, o qual se denota como de maior relevo informativo. Essa oração funciona como um recurso de co-referencialidade, no sentido de que permite integrar, mediante o verbo ‘ser’, dois participantes de idêntica referência extra-lingüística, verificando-se, dessa forma, uma identificação entre os participantes.

O uso do verbo ‘ser’ proporciona uma propriedade estável entre os participantes, tornando fácil para o leitor construir uma ponte inferível entre uma situação de má conduta política do PT na busca pelo poder e o que o PT está tentando fazer para se defender.

Com relação à realização dos significados experienciais/ideacionais, este tipo de estrutura oracional constrói uma configuração de um processo e participantes envolvidos no processo, onde a organização da oração é apresentada no modelo de uma oração identificativa. Em outras palavras, em uma oração identificativa, os dois constituintes referem-se à mesma entidade. Isto permite-nos classificar este tipo de oração como

Relacional Intensiva Identificativa, caracterizada como a que apresenta a possibilidade de intercâmbio da posição e da função de seus participantes.

Nessa oração, o constituinte temático é explicitamente identificado com o constituinte remático. A organização oracional é uma organização de constituintes alternativa e esse tipo de oração é classificada como *Equativa Temática*, por estabelecer a estrutura Tema – Rema na forma de uma equação, onde Tema = Rema.

Nesse tipo de oração – a equativa temática – há uma relação de identidade, o que a constitui como uma oração que se apresenta sempre organizada em dois constituintes cuja identificação é expressa pelo verbo ‘ser’.

A construção *O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações* é uma escolha que serve ao propósito de expressar uma proposição como um fato que permite que o autor comente sobre ele e que neste caso parece ter o significado de ‘quero contar a vocês o que o PT busca’, e cada componente do objetivo é colocado no Rema *mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”* (Halliday, 1994, p.41-42; 2004, p.69-70; Thompson, 2004, p.213-214).

Cabe chamar a atenção para o fato de que a motivação para esse tipo de construção é textual, isto é, a configuração em uma oração identificativa constitui uma alternativa textual para a distribuição da informação na oração, a qual, neste caso específico, resultou em uma equação entre os dois termos. Esse fenômeno é denominado metáfora gramatical experiencial (Halliday & Matthiessen, 1999, p.399).

Embora esteja fora do escopo desta tese, esclareço sucintamente a que se refere a metáfora gramatical experiencial ou ideacional. As metáforas gramaticais ideacionais têm uma função discursiva, pois são ‘pressionadas’ pela metafunção textual para fornecer “grupos alternativos de *quanta* de informações” (Halliday & Matthiessen, 1999, p.398-403), ou seja, a metafunção textual pode motivar a metáfora ideacional como um meio de transportar a organização textual.

O sistema textual é o de Predicação de Tema, o qual emprega o tipo identificativo de oração para obter um equilíbrio de significados no discurso. Esse tipo de organização produz estruturas nas quais os processos Relacionais Identificativos são usados para

reconstruir figuras como equações (também chamadas de Temáticas Equativas (Halliday, 1994)).

Uma das categorias de Metáforas gramaticais ideacionais é a nominalização, ou o “uso de uma forma nominal para expressar um significado do processo” (Thompson, 2004, p.225).

Trata-se da conversão de uma outra categoria lexical em um substantivo ou a combinação de palavras, que não estavam montadas originalmente como um grupo nominal em um grupo nominal. Os processos aparecem como coisas, portanto, se o processo é nominalizado, isto tem um efeito sobre os outros elementos oracionais, pois quando um processo é expresso como uma nominalização, os participantes podem ser expressos como ‘identificadores’.

Pode-se verificar se há metáfora gramatical realizando-se uma análise transitiva dupla, uma do fraseado original e uma outra de um fraseado mais congruente. Vejamos então a análise:

<i>O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações</i>	é	<i>mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto</i>
--	---	---

Identificado/Valor

Pr. Rel.

Identificador/Característica

<i>O PT</i>	<i>busca mostrar</i>	<i>que eles inventaram o valerioduto</i>
-------------	----------------------	--

Ator

Pr. Material

Meta

Em outras palavras, a construção identificativa exerce um efeito no discurso, pois em tais construções, todos os elementos antes do verbo ‘ser’ expressam a informação já conhecida, e todos os elementos após o verbo ‘ser’ expressam a informação nova.

Os autores usam esse tipo de estrutura quando desejam dar uma explicação clara sobre uma determinada questão que pensam que seus leitores não têm, ou dar uma resposta a uma pergunta que pensam que seus leitores poderiam fazer.

A nominalização como Tema refere-se ao *grupo* de elementos que está funcionando como um grupo nominal na oração – *o que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações*.

A primeira parte deste tipo de construção, em geral, carrega a informação conhecida; por outro lado, como disse acima, a segunda parte da oração após o verbo ‘ser’ é a parte nova e, portanto, tem o foco. Esse tipo de construção pode ser visto como uma interrogação indireta, onde a resposta se encontraria na parte pós-verbo ‘ser’:

Pergunta: O que o PT busca?

Resposta: Mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”.

Nesse tipo de construção há a realização de dois traços semânticos distintos, dois sentidos para a identificação, ou seja, ela identifica (especifica) o que o Tema é, e o identifica com o Rema (igual).

Dito de outra forma, nesse tipo de estrutura, uma oração é identificada com uma outra. O segundo sentido para a identificação é um componente semântico de exclusividade nesse tipo de construção. Portanto, o significado de *O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações* é *mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”* é “Eu vou contar o que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações: mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz” – e *nada mais*”, ou seja, exclusivamente isso.

Em outras palavras, a nominalização *O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações* carrega o significado ‘e isso é tudo que ele busca’, no contexto do que está sendo discutido no texto. Portanto, essa estrutura identificativa contribui para o significado da mensagem pois serve para expressar o componente semântico de exclusividade. Essa escolha foi feita, possivelmente em detrimento da seguinte: “*O PT busca mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”, ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações*”.

Nessa outra opção, o significado seria ‘Eu vou contar algo sobre o PT: o PT busca mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”’. O foco foi mudado para o PT, enquanto na outra opção o foco é no que busca o PT.

Essa oração, no modo ‘identificativo’, expressa ‘algo que tem uma identidade atribuída a ele’. O que isso significa é que uma entidade está sendo usada para identificar uma outra.

Nessa perspectiva, essa construção significa dois traços semânticos distintos: [O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações] é o elemento que está sendo identificado por [mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”.], sendo então o Participante 1 o Identificado ou Valor e o Participante 2 o Identificador ou Característica. ‘

Essa estrutura pode ser classificada como uma *Equativa Temática* que identifica o que o Tema é, e, por outro lado, se identifica (se iguala) com o Rema. Essa identificação é possível somente pelo uso do verbo ‘ser’, pois uma relação de igualdade pressupõe sempre uma relação de permanência.

Quanto à reversibilidade de tais elementos, baseada no fato de que seriam equativos (Halliday, 2004, p.68-71), embora de idêntica referência extra-lingüística, reflete uma diferença, mesmo que pequena e subjacente à argumentação.

Verifica-se que a posição dos participantes influi de alguma maneira na função que cumprem, principalmente em se tratando de estruturas com predicação pragmática, cujo ordenamento aparece subordinado a necessidades comunicativas do autor do texto.

A tematização de um participante ou de outro origina-se da intenção que o autor tem ao fazer tal escolha. No exemplo aqui analisado, a inversão dos participantes prejudicaria a coesão textual. O autor ao escolher iniciar pelo participante [O que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações] teve por objetivo fazer com que o leitor retomasse o dito anteriormente no primeiro parágrafo e dar continuidade aos seus argumentos para expressar seu ponto de vista com relação ao assunto abordado. Ao fazê-lo, o autor elabora o fluxo dos eventos textuais de forma coesiva.

Seguindo essa perspectiva, verifica-se que existe uma intenção na escolha do Tema da oração, o que comprova que a reversibilidade reflete diferenças de significado, uma vez que há uma distinção relativa ao fato de a informação contida no Tema já ser de conhecimento do leitor, ou seja, mais referencial, e o que é apresentado pós-verbo, no Rema, é a informação nova, portanto menos referencial.

A referencialidade é uma condição que interfere na possibilidade de um constituinte ocorrer topicalizado, uma vez que essa marcação está atrelada a uma informação nova, expressa preferencialmente por constituintes com interpretação de especificidade. Vejamos a inversão da oração deste exemplo.

[Mostrar não apenas que eles inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”] é [o que o PT busca ao tentar levar os tucanos para o olho das investigações.]

Neste caso, o fluxo dos eventos discursivos sofreria uma ruptura em sua evolução, pela introdução de uma informação nova, que por ser nova não tem referencialidade contextual e, portanto, precisa ser introduzida com algo que já é do conhecimento do leitor e que o levará ao passo seguinte que é o de conhecer algo novo.

Nas interações, os falantes/autores tentam elaborar o que estão dizendo de uma forma compreensível, o que significa criar elos no ambiente lingüístico e extra-lingüístico para o ouvinte/leitor, para que estes possam usá-los como uma base para a compreensão da informação que é nova para eles.

O tipo de construção verificada neste exemplo é um recurso gramatical para fazer essa divisão em informação dada e informação nova para o leitor. A oração pré-verbo ‘ser’ contém a informação conhecida e a pós-verbo ‘ser’ contém a parte nova da comunicação.

Conhecido: O PT busca algo.

Novo: Esse algo é mostrar que eles não apenas inventaram o valerioduto, mas que o PT “fez o que sistematicamente se faz”.

Uma outra perspectiva que poderíamos usar para analisar o exemplo acima seria a da realidade semiótica, ou seja, a da realidade na forma de significado. Essa dimensão da realidade é construída pela Metafunção Ideacional, a qual constrói uma realidade natural, e pela Metafunção Interpessoal, a qual desempenha uma realidade intersubjetiva.

Nas palavras de Halliday (1978, p.145), “é somente através da codificação da interação semiótica como texto que os componentes ideacionais e interpessoais de significado podem se tornar operacionais no ambiente”. Mas, como mencionei anteriormente, este tema foge ao objetivo específico proposto nesta tese.

Com base na análise realizada, passo agora às conclusões finais desta tese.